

PRIMAVERA

JORNAL LITERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

ANNO I

Maranhão — Domingo 3 de Outubro de 1909

N.º 1

"PRIMAVERA"

Podem-me inteligentes e estudiosos moços, decididos amantes das letras, que lhes escreva o artigo editorial com que apresentar devem ao publico maranhense um pequeno periodico litterario ao qual, brilhantemente inspirados denominaram "Primavera".

Se fosse possível traçar um programma, ou norma de vida a uma publicação litteraria de rapazes que se estréiam nas pugnas da imprensa, arramando-se travellões dessa demodada cruzada, que são os litteratos, os dados da luz e do progresso, os senso e o amor, eu lhes diria, para que mal decididos se fossem na escolha que de fazerem para imprimir a um artigo, a direção invariavel que a **PRIMAVERA** deveria seguir qual não, no mar revoltoso e sem praias.

Felizmente querem os factos comprovarem a intelligencia e a nobreza das letras, que a farei os meus artigos. Estando, no entanto, os trabalhos de imprensa, de modo a não poderem ser...

mento maltratado e desvalorizado, são homens sem valor e sem dignidade mental.

E' uma lei fatal a que se sujeita a humana

Só há um programma satisfavel e louvavel — é lutar. Lutar sem tréguas, sem esquivamentos e sem ambição, a favor de uma idéa, de um pensamento, de um ideal.

Lutar, e vencer, lutar com abnegação e sentimento, para alcançar o que se quer e deseja. Lutar com alma, realizando esforços, á proporção dos obstáculos se forem amontoando, lutar com dignidade e heroísmo, accentuando-se na luta o caracter, que val com os sacrificios, com os sofrimentos e com a vontade, fulgurantemente ressaltando, tomando forma, corporificando-se, até definir-se e impôr-se; impôr-se aos divertimentos, impôr-se ao publico, impôr-se ao proprio individuo que o contorna, até governar-lhe os actos, domar-lhe o instincto, dirigir-lhe a vontade, subjuzgando-o como se fosse um escravo...

Felizmente quem...

Leram e releiam a *Cancão do Tamarão* do Dias, o maior poeta da lingua portugueza, Leram-na que ella é o hymno da mocidade, da vida honesta do trabalho honrado, é a profissão de fé do homem que quer ser digno de si mesmo.

Porque, na verdade, eu penso, que em litteratura, como em tudo o mais, a primeira condição do homem é ser digno de si mesmo, sendo digno da sua especie.

Sejam fortes e estudiosos assim, que a victoria será infalivel. Tardia talvez, como quasi todas as victorias que o são na verdadeira acceção da palavra; custosa, como todas as lutas formidaveis, mais certa e de um valor que o tempo não conseguirá apagar.

E, si, tuê se perder, si, de todo, um destino cruel zombar dos esforços gastos, o que não creio, si o litterato desaparecer, transformar-se, o que é possível, dando lugar a que nasce da luta, um mathematico, um psychiatra, sociologo, um pintor ou musico, etc. etc. que não se salvará, ainda, almas de litteratos, para mais honra da litteratura e da especie humana.

...na minha opinião, o único
programa!

...na minha opinião, o único
programa!

...na minha opinião, o único
programa!

...na minha opinião, o único
programa!

...na minha opinião, o único
programa!

...na minha opinião, o único
programa!

...na minha opinião, o único
programa!

...na minha opinião, o único
programa!

...na minha opinião, o único
programa!

...na minha opinião, o único
programa!

...na minha opinião, o único
programa!

...na minha opinião, o único
programa!

...na minha opinião, o único
programa!

...na minha opinião, o único
programa!

...na minha opinião, o único
programa!

A entrada da PRIMAVERA

Promoveram os estudantes do Rio de Janeiro uma festa garrula e sadia, para saudar a entrada da primavera, a bella e formosa estação das flores, que tanto se parece com a esplendida estação azul da mocidade.

Promoveram-na e fizeram-na. Mas, infelizmente, o resultado dessa festa lhes trouxe uma consequencia triste, desagradavel, horrorosa.

Quando nos ardores da sua manifestação passavam por um carro que conduzia um grupo de soldados da milicia estadual, fizeram, o que pode fazer todo estudante, aquillo que lhes era sobejamente peculiar; troçaram os soldados, atiraram sobre os mantenedores da ordem publica



Primavera

JORNAL LITERÁRIO, CRÍTICO E NOTICIOSO

Redactores:

Appolinário de Carvalho, Mariano Chagas, José Maria de Jesus e Estolano Polary.

Publicação—aos Domingos.

Numero do dia..... 100

Numero anterior..... 200

Toda e qualquer correspondência para este hebdomadario deverá ser dirigida á gerencia do «Diário do Maranhão», á rua da Palma n. 6.

uns ditos *salgados*, uns assobios, cousas, afinal de contas, que não offendem os brios de pessoa alguma, por mais briosa que esta seja. E o cocheiro, indubitavelmente soldado também, enfurecendo-se com aquelas gracolas que pesavam sobre o modo do brilho da sua e da farda honrosa dos seus illustres collegas, atirou-se contra os estudantes e sobre estes deixou cair a sua taca austera.

Os estudantes, mais offendidos na sua dignidade de moços do que os soldados na dignidade da farda, resolveram pedir providencias ao commandante da brigada policial, — o que fizeram no dia immediato. Como, porém, o commandante da brigada se recusasse a tomar as e os expulsasse do seu quartel, entenderam elles de fazer o enterro symbolico do general Souza Aguiar, pilheria tão geralmente conhecida nos estudantes.

E quando no dia seguinte, no largo de S. Francisco, cantavam o *De profundis* junto ao caixão do general defuncto, a cavallaria o espadou e a infantaria (policiaes), de revolver e punhal, precipitou-se contra os indefensos moços, cahindo, nessa occasião da sanha de soldados ignorantes e brutos, sob o golpe irremediavel de um punhal perverso e covarde, o segundantisia de medicina — José de Araujo Guimarães, filho do Capitão de Fragata José Antonio da Silva Guimarães. E como este infeliz, outro que, por ter recebido profundos ferimentos, succumbio pouco depois, tendo tambem ficado feridos outros rapazes.

Peza-me profundamente dizer que foi essa uma das peiores vergonhas porque tem passado este Brazil desfructavel, pezando-me tambem declarar que os unicos responsaveis por semelhante aviltamento atirado

às faces da nossa patria, foram homens sobre os quaes peza igualmente a responsabilidade do levantamento do nivel moral da nossa terra.

E como se todos os actos, tragicamente desenvolvidos, não bastassem para afrouxar os brios da mocidade estudiosa e, finalmente, o Paiz inteiro, o general Pedro Paul, inspector da 2.ª Região com sede em Belém quando os estudantes desta ultima cidade pretendiam fazer um *meeting*, affirmou se declararam solidarios com os seus collegas cariocas, adherindo, ao que parece, a sanguiscenta policia fluminense, o ameaçou, affirmando não levarem o efeito o seu *desideratum*!

Gosto immensamente de militares e estou sempre ao lado para os defender de qualquer infamia ou injustica sempre que a razão lhes assista. Mas, uma vez que se trate de uma incoherencia, de um abuso inqualificavel, eu es desprezo immesso.

Portanto, desta vez, eu repudio os mandatarios da tragedia do largo de S. Francisco, que ensoparam no sangue das pobres victimas—futura esperanca da mãe patria—o nosso Pavilhão Republicano, e de gloria imperextoiva.

Appolinário de Carvalho.

TRAÇOS

Olhos liídos, scismadores, cheios de teitura e mysticismo, vós sois das astros a brilhar no firmamento azul d'este planeta asperino...

Olhos que lembram o nescado azul da aboiada celeste; olhos que lembram o olhar de Magdalena; olhos que lembram a paz serena e bella, debuxante e atrevida, sorruliva e amena, do scintillante olhar de Julieta; olhos cheios de amor, de cunador e de tristia, cheios de um *quê* mysterioso e que se assemelham ao officioso olhar de Beatriz, Beatriz a doce madama do sonhar de Dante; olhos que lembram... que lembram o olhar de Nathercia, Nathercia que co o seu olhar enlouqueceu Camões!

«Olhos tristes, vós sois como dois aões no poente,
Tão cheios de tristia e tão cheios de amor!
Que lembram de Jesus o olhar de resplendor
E têm todo o fôr do Rabro e do Ocidente...»

Maurillo Campos.

ESCRINIO DAS RIMAS

Rosa

Para o J. M. de Jesus.

Minh'alma ardente de moço,
Cheia de creença amorosa,
Sonha de beijos cobrir
A face rubra de Deus.

Rosa—estrellari o a fulgir
Na noite dos meus negros
Sol que desponha formoso
No roseo céo dos amôres;

Rosa—concerto sonoro
Das aves nos arvorêdos,
Sacratio puro onde guardo
Os mais sublimes segredos;

Rosa—empêjo da aurora
Beijando os dentes do prado.
O alho dos meus
Que vejo sempre a meu lado,

Rosa—batel dos meus sonhos
No verde mar da bouança,
Meu pensamento, meu nome,
Meu verso, minha esperança;

Eu te bemaligo a bella,
Canto os teus melgos olhadas,
O Rosa dos meus ciumes,
O Rosavôdos meus sonhaves!

Minh'alma ardente de moço,
Nessa canção dulçurosa,
Manda uma chuva de beijos
A' face rubra de Rosa.

S. Luiz — 1900.

Appolinário de Carvalho.

Resposta a um amigo

Recebi a tua carta de convite
Para a noite feliz do teu noivado;
Mas não posso cumprir o teu mandado,
E qu'en não compareça me permito.

Não soubeço rapaz que não cogite
Achar no casamento um céo doirado
De estrellinhas de amor todo bordado!
E não vejo nenhum que o mal evite!

Casa-te, sim! Para o supplicio corre...
Do mal de amor não vejo quem se esquivar,
Do mal de amor não vejo quem se forte...

De ser feliz a sorte não te prive?
Eu... só vou a enterro de quem morre,
Eu não vou a enterro de quem vive.

ANIZIO VIANNA.

Primavera

Minha Iyra

A Arlindo Martins

Minha Iyra quebrou-se,
Já não canta, não geme, nem suspira,
Não mais entoa uma ballada dôce...
Quebrou-se a minha Iyra!

Vivo agora entre prantos, praguejos
Na paz eterna deste firmamento;
Vivo chorando o meu amor primeiro
Nas frias trévas d'este esquecimento.

Eu amo! — eis toda a causa tormentosa
Do meu lento sofrer, da desventura...
D'esta eterna paixão esplendorosa,
D'esta magua cruel que me tortura.

Sinto neste momento que nem olhos,
Ao recordarem meu viver passado,
Que vivi como Iyrio entre os abraços,
Cheio de um amor sequer nunca sonhado:

Ao lembrar-me dos dias tão alegres
Que entre venturas me cantando,
Os meus sonhos e sonhos venturosos
Que ao meu peito viverão brilhando;

Ao sentir a saudade d'esses dias,
Recordar-me das minhas phantasias,

Minha Iyra quebrou-se,
Já não canta, não geme nem suspira,
Não mais entoa uma ballada dôce...
Quebrou-se a minha Iyra!

MARIANO CHAGAS.

O Crepusculo

A tarde oscilla... os céos se purpu-
reiam...
Nos mosteiros ha prantos e gemidos;
No companario os broncos commo-
rangem suspiros que o arrelôl sel-
teiam!

Aves nocturnas erguem sacudidos
Vãos, e o mudo escurecer ancoiam;
Nos espaços do ambient se alleiam,
E dão pios saudosos e doridos!

E' quasi noite. Um «quê» de arden-
tes maguas,
Opprime a consternada natureza,
Desde o zenith nos pedestes da sorra!

As fontes choram quietas na devesa,
E os rios turvos, ao ferir das fraguas,
Murmuram tristes nos pulmões da
terra!

Em — 12 — 6 — 1900.

Estolano Polary.

NOTICIARIO

Seuio para a Capital da Re-
publica em um dos ultimos
dias de Setembro p. findo, o
jornalista letrado e primoroso
poeta I. Xavier de Carvalho,
autor dos «Fructos Selvagens»
e das «Missas Negras».

Este brilhante confrade e dis-
tincto conferraneo desejamos
um sem numero de felicidades
e optima viagem.

Começa, no dia 1.º deste
mez, na respectiva Igreja, a fes-
ta do S. do Rosario, consis-
tindo de missas rezadas e la-
ninha á noite, até a ante-ves-
pera da festa, fazendo-se então
os trez ultimos dias com toda a
pompa e solemnidade.

Realisa-se hoje, na Reparti-
ção Geral dos Correios, o con-
curso para praticante de 2.ª clas-
se de accordo com os editaes pu-
blicados por aquella repartição.
Estão inscriptos 11 candida-
tos.

Victimada por antipos e per-
tinazes soffrimentos, falleceu,
às 11 horas da noite de 19 do
mez de outubro findo, tendo
sido sepultada na tarde de 20,
a exm.ª sr.ª d. Evarina de Cas-
tro Gomes, presada filha da
exm.ª sr.ª d. Maria Aniceta de
Castro Gomes e primo do nosso
companheiro de trabalho — Ap-
polinario de Carvalho.

A este e aos demais parentes
do inditosa senhora enviamos a
expressão do nosso sentir.

Falleceu no dia 29, as 10 ho-
ras da noite, e enterrou-se em
30, a exm.ª sr.ª d. Maria Regina
Nina Veras, digna esposa do
capitalista Franklin Veras e ir-
mã do pranteado dr Almir Ni-
na e de d. Maria G. Parga Ni-
na, directora do Instituto «Rosa
Ninas».

A extinta era muito relacio-
nada na nossa sociedade, onde
se tornava notavel pela sua bon-
dade e educação.

Aprezentamos peçame a de-
zolada familia.

Dia aureo

Transcorreu hontem a data na-
talicia do Exm. Snr. Dr. Nilo Peça-
nha, eminente estadista, administra-
dor eximio e chefe supremo dos
destinos da patria brasileira.

Cidadão por todos os títulos me-
recedor da admiração da mocidade
brasileira, o Dr. Nilo Peçanha tem
sabido se impor no alto cargo que
lhe foi confiado, grangeando, por
tanto, a sympathia popular.

Receba, pois, o Exm. Presidente
da Republica os melhores saudaes
dos moços da «Primavera».

Passa hoje, o anniversario nala-
licio do nosso amigo José Raymun-
do Furtado Estrella, negociante re-
sidente na cidade de Alcantara.

Parabens.

Fizeram annos:

No dia 29 de Setembro findo
o illustrado professor normalis-
ta Luiz Vianna, talentoso chro-
nista do «Diario do Maranhão».

No dia 1.º do corrente - a se-
nhorita Laura Rosa.

Aos anniversariantes as nos-
sas saudações.

No proximo numero trataremos
dos «Sonetos» livro ha pouco pu-
blicado, da lavra do poeta Samuel
d'Oliveira e Silva.

Em um baile, lá para os la-
dos da «Curupira», onde toca-
va uma orchestra do 48.º bata-
lhão de caçadores, houve um
grande medonho entre os musi-
cos, tendo comparecido uma
pequena daquelle batalhão, que
capturou os valientes.

De Alcantara, onde se achava
em tratamento de sua saúde,
regressou no dia 30 de Setembro
ultimo, o nosso illustre confrade
Arlindo Martins, um dos mais
distinctos poetas da nossa terra.
Ao recém-chegado os nossos
cumprimentos de boas vindas.

Primavera

Na próxima quinta-feira fará conferência na Bibliotheca Publica, á rua da Paz, o Dr. Raul Pereira, que dissertará sobre um thema importante.

Consta-nos que no dia 10 vindouro, o «Tiro Maranhense», auxiliados pelos alumnos do lyceu promoverá um passeio militar, percorrendo as principaes ruas desta cidade.

No dia 24 do p. findo, realisou-se, na Bibliotheca publica do Estado, a sessão funebre em homenagem das victimas do sanguinario sr. General Geraldo de Souza Aguiar.

Os srs. Antonio Leite, Otto Galvão e Mariano Castro, quintanistas do Gymnasio, foram os promovidores d'essa festa funebre e de solidariedade á classe estudantil brasileira

ANNUNCIOS

O Brazil

Acaba de receber grandioza colleção de tecidos leves proprios para as reuniões **Dominicaes**, e outros artigos como sejam chapéus de feltro, — (**Chateira**), óitos de palha da Italia, e chapéus de sêda, mantilhas de lã proprias para as Exmas. Familias levarem ás reuniões.

Communicamos ao respeitavel publico que nas nossas secções de Perfumarias, louças, vidros, metaes, artigos para senhoras, homens e creanças, encontrarão tudo que é bom, bonito e barato, e estamos certos que agradarão aos mais exigentes freguezes.

Vizitem «O Brazil».

Rua Grande, n. 31A

Maranhão

Typ. Frias—1243.

Moveis de Estilo

DE

Domingos Monteiro de Souza

Officinas - Rua do Sol, n. 18 — Deposito Praça João Lisboa, n. 6

A **Marcenaria Moderna** tem sempre em deposito um esplendido stock de artisticos e riquissimos moveis para sala de visitas, gabinetes, alcovas, quarto de dormir, sala de jantar e demais dependencias de uma casa de familia, que deseja possuir toda a peça de moveis em qualquer estilo conhecido.

Cadeiras para collegio, escriptorios e costureiras

Presentemente possui grande e escolhissimo sortimento, em gosto apurado, de **cadeiras para sala de visitas e de jantares.**

Accitam-se encomendas para toda a quantidade de moveis

O deposito acha-se francamente á disposição dos vizitantes

Estrella de Ouro

Importante loja de modas de

João Miguel Facure

Rua Grande n. 40

Neste estabelecimento o freguez mais exigente encontrará artigos de gosto apurado, taes como: phantasias, cambraias— grande sortimento—, EDITH de cores, *ponçoe* de cores, grande quantidade de zephiros, linho e algodão para homens e senhoras, rendas de Valenciana, bordados de toda qualidade, meias, lenços, perfumes — os mais agradaveis —, verdadeiro sortimento de chitas a preços sem competencia, cambraias e VICTORIAS infestadas e de uma largura.

Liquida-se tudo barato

APROVEITEM!

PRIMAVERA

JORNAL LITERÁRIO, CRÍTICO E NOTICIOSO

ANNO I

Maranhão — Domingo 10 de Outubro de 1909

N.º 2

De lança em riste

Em um dos jornalões que circulam nesta Capital deparou-se-nos um artigo cujo autor não conhecemos devido à falta de assignatura, no qual são cruelmente verborados os moços que se dedicam à cultura das letras, pelo facto de não apresentarem estes trabalhos bem executados, que por si só recomendarão e possuem destreza emcommendar também os seus autores:

Existem, incontestavelmente, muitos rapazes que, sem estas novas aquellas, se atiram atóticamente à vida literaria, exhibindo publicamente um conjuncto de sandices, uma colleção de tremendos disparates. Isto é uma verdade. E para esses é justa a censura feita no artigo do illustre desconhecido.

Eu si não estou affeito a verberar os mãos actos alheios, tambem não vou de encontro ás censuras quando bem feitas: com criterio e justiça. No caso do que tratamos, ella não foi bem feita. Parece-nos que o autor do tal artigo faz uma censura collectiva, isto é, procura calcar aos pés todos os moços, sem excepção alguma (a menos que se não trate dos que já têm nome firmado), que se dedicam ~~dedicadamente~~ ao cultivo das letras. Não; isto não é assim, nem é desta maneira que se conquista um nome bom nas paginas da historia. Deve-se fazer critica, não ha duvida, porém com perfeição de conhecimentos e inteireza de caracter. Assim, não.

Talvez queira o nobre e talentoso autor do citado artigo allegar que se procedeu dessa forma, aliás incorrecta, dizemos nós, foi pelo simples facto de já ter notado erros de metrificacão, falta de cadencia, rythmo, etc., nos versos de todos esses moços. Mas isto não basta para que se chamem esses rapazes «poetas piégas». Quem não erra neste mundo de meu Deus? Quem?...

Talvez o proprio censor desses «poetas piégas», apesar da grandeza do seu talento e da fecundidade de sua intelligencia, tenha muitas vezes commettido os erros de que nos occupamos acuma, nos seus brilhantes sonetos e *tutti quanti*, muito independentemente da sua contada, pelo que se não se de dizer que assim o lizesse e o fica em virtude da sua pieguice, da falta de preparo de que se resulta, da exiguidade de sua intelligencia. E convictos asseguramos que si o censurassemos por essas faltas, o illustradissimo autor do artigo em questão diria: «As faltas que me apontam não provêm da minha pieguice; foi apenas um erro, cousa que todos commettemos». E nós, que gostamos immenso da justiça, reconheceriamos a verdade de semelhante affirmacão.

Portanto, pense melhor o muito digno autor incognito do artigo d'«A Palavras», de 26 de setembro lindo, e não atite mais nos quatro ventos cousas irreflectidas, como o fez, *at contraire* aqui estaremos, *de lança em riste*, para estigmatizalo.

Um erro involuntario não é falta imperdoavel, principalmente quando se trate de principiantes, muitas vezes sem todos os preparos que tem o illustrado desconhecido com quem fallamos. E isto é o mesmo que dizer: si tu, que tens mais preparos, erras, quanto mais elles, que têm menos!

Todos erram. E não houve ainda um só desses grandes intellectuaes de hoje, que na escreita da sua vida literaria não errasse... E si alguns tivemos, foram muito raros.

O homem que aprende é como a creança que começa a andar: esta, nos primeiros passos que tropeçadamente dá, váo ao chão muitas vezes, ferindo-se, maltratando-se; o homem, quando firma os primeiros passos no caminho das letras, váo tambem muitas vezes ao réz do chão, maguando-se acerbamente.

Ninguem nasce cheio de sabedoria, a intelligencia trazemol-a do berço, é logico, mas o cultivo, esse vem depois. E por isto, saiba o autor da censura a que alludimos, que nós, moços que estando aprendendo, reconhecendo a nossa pequenina intelligencia, procuramos desenvolvê-la, exercital-a.

Um soldado, noviço no militarismo, muitas vezes sae com o seu batalhão para fazer um exercicio, e por que erre esta ou aquella manobra, e isto uma vez, ou outra, é castigado pelo seu commandante? Não, absolutamente. Esses castigos, as censuras, foram feitos para os soldados que nunca aprenderam cousa alguma nem promettem saber mais tarde.

O ~~autor~~ *autor* dos principiantes de litteratura: uns promettem, outros não. Pois bem, censure exclusivamente a estes e aquelles não elogio, que elles não vivem disso nem olojos exigem, mas tambem não apontem os pequeninos, involuntarios e poucos erros das suas modestissimas produções, que

Errare humanum est.

Traços

(PERN)

Madeiras loiras, loiras como são as loiras — manhãs de abril, a trescalac perfume e a ondofar de amor; faces de um leve rubro-rosa, setinosa e albente; labios de um coral frêscio, a resceder olôr e a resceder baulhas, rubros, vivos, deliciosamente de gôso a palpitarem; olhos azues, saphiras — turquêsins, formosos, sublimes, bellos, lembrando o azul infindo do infinito vasto; pés pequeninos, bem formados e de uma esculptura toda invejavel; mãos de uma estetica admiravelmente inegula-

Primavera

Primavera

JORNAL LITERÁRIO, CRÍTICO E NOTICIOSO

Redactores:

Appolinario de Carvalho, Mariano Chagas, José Maria de Jesus e Estolano Polary.

Publicação—aos Domingos.

Assignaturas

Bi-mensaes (exclusivamente) 1\$000

Numero do dia..... 100

Numero anterior..... 300

Toda e qualquer correspondencia para este hebdomadario deverá ser dirigida á gerencia do «Diario do Maranhão», á rua da Palma n. 6.

vel «e mais lindas que os lyrios odorosos»; os seus dentes são pedacinhos de opala e lembram as estrellas que no azul rebriham; corpo franzino; seu porte altivo; simples e sem enfaze; conjuncto de tudo que é bom, de tudo que é lindo e que é Divino e é almêjado nesta vida,

A Madona gentil de formosura e graça,
Que só aspira amar e só amôr inspira,
E que neste perfil singello se entoa

E' Lucía, a minha amada, é Lucía, a minha lyra!

Maurillo Campos

O passeio

Esteve animadissimo o de domingo ultimo, sendo visto muitas senhoritas, senhoras e cavalheiros.

A banda de musica do 48.º de Caçadores tocou as peças apontadas no programma previamente publicado.

Já que a occasião se nos offerece oportuna, lembramos aos dignos promotores de semelhante distração, que seria muito melhor fossem feitas taes reuniões, cada domingo, em uma das nossas *Acenidas*, pois ali temos a da praça «Gonçalves Dias», a «Odorico Mendes», a «Gomes de Castro», a «Maranhense» e outras, que ficam atiradas á mudez de um silencio profundo.

Não levem a mal a proposta, pois, si assim procedemos, é por termos muita piedade das *pbresinhas*.

Dia aureo

Fazem annos:

Hoje—o sr. Francisco dos Santos Bekman, official de funileiro, e d. Paula Teixeira;

no dia 13—a gentil senhorita Clarice Bogea, intelligente normalista e —anhada do nosso amigo Benedicto Zacharias de Góes, funcionario postal;

o sr. Eduardo Daniel de Jesus, prezado irmão do nosso collega José Maria de Jesus, e proprietario da tabacaria «Esperanças»;

no dia 14—a senhorita Luíza Caldeira, prezada irmã dos nossos amigos João, Josaphat e Joaquim Caldeira;

a exma. senra. d. Rosa Amelia dos Santos Lobo, prezada tia do nosso companheiro Appolinario de Carvalho.

Aos anniversariantes sinceros parabens.

Damos abaixo o resultado do concurso havido no domingo ultimo, na Administração dos Correios d'este Estado.

A mesa examinadora, que esteve sob a presidencia do 1.º official João Gonçalves da Silva, foi composta dos srs:

Praticante—Viriato Carlos de Oliveira e Souza—Portuguez;

Antonio Lobo—Francez;

Praticante—Aymiri Cunha—Geographia;

« Custodio Fonseca—Arithmetica;

« Joaquim Roque Caldeira—Secretario da mesa.

Foi este o resultado:

1.º lugar—José Nava Rodrigues e Raymundo D. Sá de Pinho; 2.º lugar—Agrippino Fonseca; 3.º lugar—Adalberto Corrêa Pinto, Almir Saldanha da Silva e Francisco de Salles Souza; 4.º lugar—Euyildo Percilio de Oliveira e Arthur Coelho Gomes de Castro.

2 desclassificados e 4 foram reprovados.

ESCRINIO DAS RIMAS

Cotinha

Dez annos já, e vives, no entretanto,
Longe das maguas que esta vida tem,
Lá lá e aqui assim como a corom
Gracil e bella como o lyrio santo.

Não consta ainda que já visse alguém
Nas faces tuas o signal do pranto,
Sabe-se apenas que tu tens o encanto
Das flores todas quando o dia vem.

Por isso, ao ver os olhos teus fulgentes,
Candidos, cheios de eternal poesia,
Ergo os olhos ao céo e ao Deus dos crentes

Pepo que a vida tenhas em venturas
E não te percas, minha flor, um dia
Na triste noite de cruéis torturas.

Luiz—1909.

Appolinario

Maria

(MEDITATION)

A Jefferson Cunha.

Nôme sublime, luz radiante,
Dêce lembrança, meiga e bendicta,
Quem pode vêr-te tão fulgurante
Que te não ache sempre bonita?

Tantos encantos, tanta riqueza,
Tantos carinhos, tanta meiguice,
Tem os olhares desta princeza
Que me tras morto n'esta doidece.

Mãos delicadas, face mórda,
Pés pequeninos, cabellos pretos,
Parece toda como a açucena,
Ou como a aurora dos meus sonetos.

Olhos divinos de mil fulgôres,
Cheios de luz, cheios de carinhos...
Quando despedes os teus ardôres
Empallideces os passarinhos.

Teu porte altivo de uma gazella,
Os teus olhares de dois mil astros...
Quando tu fitas qualquer estrella
Minh'alma louca se põe de rastros

E fico louco te contemplando...
—Extaso immenso, fascinador—
Enquanto triste vou te implorando
Um pedacinho do teu amor!...

Mariano Chagas.

Primavera

O meu retrato

Hilda pediu-me um dia o meu retrato,
Com certeza por mera phantasia,
Mas, attendendo a lei do fino trato,
Minha copia fiel mandei-lhe um dia.

E ali no verso da photographia
Um soneto escrevi, pois, sou mui grato
E respondo com mui ta cortezia
A' moça que me pede o meu retrato.

Cinco dias depois fui visitá-la.
Entesi, fui recebido gentilmente,
Com toda a hospitalidade em plena sala.

Mas, no meio de tanta gentileza,
Meu retrato jazia tristemente,
Todo sujo debaixo de um lençol.

AMÉRICO CESAR.

Saudade eterna

A' minha mãe

O sol desponta... rutilos fulgores
Se expandem pelas roridas campinas,
Cantam as aves, abrem-se as boninas,
Fogem da noite os tórbidos vapores.

Tudo sorri... o céu, com rubras côres,
Mostra da aurora as palpebras divinas;
E as cirrus, como lindas meninas,
Se confundem aos beijos dos amores!..

Só a minha alma, triste e descontente
A esse vivo paiol azul-fulgente,
Que enche de luzes toda a immensidade!..

Não valera céos, nem risos pela altura...
Nada extingue da sua decantação
A sombra vil da fugaz saudade!

Em—31—3—1909.

Esteliano Polary.

A' minha irmã

Não te fazentes, minha irmã querida,
Não propales os soffrimentos teus;
Elles são eguaes, são irmãos dos meus,
São os primários que nos trazem vida!

Mario Chateaux.

José Bonifácio Brênhá

Para Pinheiro, onde pretende de-
morar-se alguns dias, em visita á
sua fam^a familia, seguirá no dia
12 do corrente, tomando passagem
no « Jequiáhonha », o nosso illus-
tre amigo José Bonifácio Brênhá.

O Zé Brênhá, como assim o cha-
mam, vai receber o conforto das
brisas suaves que na sua terrinha
oscillam.

Ao diggo pinheireense, referimos
os nossos protestos de optima vi-
agem.

Para a mesma localidade, onde
vai se ir de paraymphyo de um
filho do distincto Capitão Doro
Meu Durães, abastado negociante
e criador n'aquelle termo, tambem
seguirá, no mesmo dia, o nosso
companheiro de redacção Mariano
Chagas.
Boa viagem.

Sagrado Coração de Jesus

Na florescente Villa de Pinheiro
realizar-se ha no dia 24 do corrente
a festividade do Sagrado Coração
de Jesus.

Tradicional, e uma das que mais
se procura fazer realgar, é de espe-
rar que o povo pinheireense, unido
e bom, inda uma vez, concorra para
o brilhantismo e esplendor da re-
ferida festividade.

Deixamos de fazer a aprecia-
ção critica do livro « Sonetos »,
do sr. Samuel de Oliveira e
Silva, conforme haviamos pro-
mettido no numero anterior,
pelo facto de já ter-se seguido para
o Sul o citado poeta, e mesmo
por termos o costume de atacar
o adversario de frente, segu-
rando o pelo *gasganete*, e não
pelas costas, covardemente, mi-
seravelmente.

Si não fosse isto, o trunfo
era—páos.

Enfim, Deus o favoreça por
lá.

Acha-se aberta, no quartel do
48.º Batalhão de Caçadores, a
inscripção para os voluntarios
especiais; devendo os candida-
tos satisfazerem as formalida-
des da lei.

Foi nomeado subdelegado de
policia do 1.º districto de Ana-
jatuba o sr. Joaquim Marcolino
do Rego, e ficou sem validade
a portaria de 28 de Setembro
findo, que nomeou para igual
cargo daquelle local o sr. Joa-
quim Marcellino do Rego.

Embarcou, no dia 7 do corrente,
para a capital do Pará, afim de
assistir a festa de N. S. de Na-
zareth, o sr. conego João dos
Santos Chaves, que deixou in-
cumbidos os serviços de sua
parochia os frades Capuchin-
hos.

Dr. Raul Pereira.

Realizou a sua conferencia,
5.ª feira ultima, tendo por the-
ma *Os direitos do homem*, no
salão da Bibliotheca publica do
Estado, o Dr. Raul Pereira.

O Dr. Raul Pereira, que á
nova geração tambem pertence,
é realmente um moço de talento.
Simple e bom, sem *póse* e sem
essas gesticulações muitas das
vezes inadequadas, o conferen-
cista de 5.ª feira, com facilidade
de direcção admiráveis, deson-
volveu o esplanou o thema por
si escolhido.

Ao grande brasileiro do fu-
turo, a essa esperança rosea e
promissora, como alguém já
lhe chamára, áquelle que inda
há pouco deixára os bancos
academicos trazendo na fronte
a aureola da intelligencia e do
saber, ao joven patricio Dr.
Raul Pereira, enviamos os nos-
sos melhores parabens.

ANNUNCIOS

PARADA & GOMES

Importante casa
de armador

Rua de Sant'Anna canto
com a da Madre Deus

Vendem corôas mortuarias de
todos os gostos e tamanhos;
alugam lanternas a 300 réis, e
satisfazem a qualquer freguez
com outros quaesquer artigos
proprios para o proximo dia 2
de Novembro—Dia de Finados.

Primavera

Casa Ouvidor

DE

Khalil Lauand

Rua Grande, n. 50

Grande loja de modas, onde se encontram artigos de fino gosto, de sorte a satisfazer os freguezes por mais exigentes que se tornem.

Completo e variado sortimento de fazendas, fitas, rendas, perfumarias, miudezas, etc.

Todos á

CASA OUVIDOR,

Rua Grande n. 50

que não encontra competidores!

3—

O Brazil

Loja de Modas

Acaba de receber grandioza colleção de tecidos leves proprios para as reuniões **Dominiacs**, e outros artigos como sejam chapéus de feltro, — (**Chaleira**) ditos de palha da Italia, e chapéus de seda, mantilhas de lã proprias para as Exmas. Familias levarem ás reuniões.

Communicamos ao respeitavel publico que nas nossas secções de Perfumarias, louças, vidros, metaes, artigos para senhoras, homens e creanças, encontrarão tudo que é bom, bonito e barato, e estamos certos que agradarão aos mais exigentes freguezes.

Vizitem «O Brazil».

Rua Grande, n. 31A

Maranhão

Typ. Frias — 1243.

Moveis de Estilo

DE

Domingos Monteiro de Souza

Officinas - Rua do Sol, n. 18 — Deposito Praça João Lisboa, n. 6

A **Marcenaria Moderna** tem sempre em deposito um esplendido stock de artisticos e riquissimos moveis para sala de vizitas, gabinetes, alcovas, quarto de dormir, sala de jantar e demais dependências de uma casa de familia, que deseja possuir todas p.ças de moveis em qualquer estilo conhecido.

Cadeiras para collegios, estylos e costureiras

Prezentemente possui grande e variado sortimento, em gosto apurado, de cadeiras para sala de jantar e de jantares.

Acceptam-se encomendas para toda a quantidade de moveis

O deposito acha-se francamente a disposição dos vizitantes

Estrella de Ouro

Importante loja de modas de

João Miguel Facure

Rua Grande n. 40

Neste estabelecimento o freguez mais exigente encontrará artigos de gosto apurado, taes como: phantasias, cambraias— grande sortimento—, EDITH de côres, pangê de côres, grande quantidade de zephiros, linho e algodão para homens e senhoras, rendas de Valenciana, bordados de toda qualidade, meias, lenços, perfumes — os mais agradaveis —, verdadeiro sortimento de chitas a preços sem competencia, cambraias e VICTORIAS infestadas e de uma largura.

Liquida-se tudo barato

APROVEITEIX!



PRIMAVERA

JORNAL LITERÁRIO, CRÍTICO E NOTICIOSO

ANNO I

Maranhão — Domingo 17 de Outubro de 1909

N.º 3

O Jogo no Maranhão

De certo tempo a esta parte tem-se desenvolvido nesta bella S. Luz uma jogatina infrene, que, assustadoramente, váe tomando proporções extraordinárias.

Os jornaes, coitados, por mais que batam e tenham batido em toda a folha, absolutamente nada, têm conseguido. Tanto assim que, em cada canto da cidade existe uma casa destinada a semelhança *diversão*.

Si o leitor se der ao trabalho de sair zozudamente, á noite, verá quanto têm de verdadeiras estas casas que tracamos. E... o que dizemos? Á noite? Ora, não é bastante sabido, para uma para que veja em pleno esplendor do sol, nas horas mais propriamente destinadas ao trabalho, grupos e grupos de homens, de todas as classes, por assim dizer, crianças, etc., enchendo essas casas onde o jogo campela desabridamente.

Si entrarmos a falar dos botocudos, ah! então é que o amigo leitor verá como temos razão e sobejas para verborrar esse inimigo da família, do bico, da sociedade, da paz, da liberdade, de tudo quanto é bom e bello e admiravel!

Temos entrado, algumas vezes, no «Café Riche», no «Café da Paz», numa outra casa á rua de S. João (e esta especialmente, que apenas é de jogo), e por ali tudo temos visto maços e maços de cedulas desaparecerem, em menos de um segundo, na alludida *diversão*, no jogo implacavel. Temos visto e muito nos admiramos de individuos que nada têm, que passam os dias a fiscalizar os *bonds da Companhia do Devio*, sujeitos, maltrapilhos, e que, mesmo assim, comparecem ás casas de jogo e lá arrancam da immundície dos bolsos quantias mais ou menos equivalentes a 50\$ ou 60\$ réis!

Donde as tiraram elles?!

Quasi sempre, constantemente, os jornaes noticiam que F. foi roubado, que um gatuno penetrou no armazem do Sr. Sierano, que foi invadida uma casa de família, e não se descobre nunca a *causa das suas graxotas*. E porque tudo isto? Porque o jogo continúa francamente, livremente, pelas portas, nas calçadas, nos estabelecimentos, em toda a parte; elle que é a causa primordial de toda essa pouca vergonha.

Ainda ha pouco os jornaes diziam no seu noticiario que uma moça morrerá de susto, pelo facto de ter entrado inesperadamente, pelos fundos da sua casa, um individuo qualquer, que depois se justificou, etc. Pode ser que a justificativa fosse feita com sinceridade, at-

tenta a circumstancia que o levou a isso; uma fuga para livrar-se da policia, ou coisa equivalente. Mas, não é bem possível que a justificativa do *caso* fosse um meio de *salvação*. Isto é que elle seja um desses *desgraçados* do jogo, cujo effeito triste e despiravel o levasse a *visitar* a propriedade alheia.

Mas, qual! Nem este nem outro exemplo, sem a voz unanime da imprensa, como bem disse Victor Hugo, os a santa e immensa locomotiva do progresso, são capazes de fazer cessar a jogatina descarada e inconscientemente prejudicial!

E, tão descommedido está o jogo, que um sr. quitandreiro, á rua de Sant' Anna, ao que dizem, quasi fallido, estabeleceu nova especie de *diversão*, exclusivamente para crianças, a fim de vez si, por esse meio, conseguia a salvação das penas *escolásticas*!... Até onde chegam o despirar, a insensatez e o descabro!

Pobre terra adorada!
Infeliz Maranhão!

Até com os incipientes, com os pobres crianças, procuram esportar-lhes o seu progresso, dando embora um *exemplo* para a *causa* da *causa* da *causa* do *Maltrão*!

Si, porém, não puzerem um freio ao D. Jogo, si não progredirem debellar essa epidemia atrozíssima, brevemente estarão abertos horripitantes e lugubres caminhos para as camias nojentas dos hospitales e para o fundo escuro dos presídios, pagando por elles muitos que, si se desvissem do jogo, talvez fossem mais tarde glorias da terra que lhes foi bery.

O 12 de Outubro

Indifferentemente silenciosa passou a data alima, commemorativa do descobrimento da America em 1492, pelo grande navegador Genovez Christovam Colombo. Nos quartéis apenas se fez ouvir a cosumeira alvorada, e á noite illuminaram as respectivas fachadas. Só a «Universidade Popular Maranhense» se lembrou de quebrar o silencio pesado em que se ia passando essa data historica, fazendo uma reunião literaria, á noite, na qual tomaram parte os melhores homens de letras da nossa terra; tendo feito uma

conferencia a respeito dos feitos de Colombo o talentoso maranhense Antonio Lobo, que foi secundado pelos não menos talentosos confrades Araujo Costa, Fran Paxeco, Domingos Barbosa, Antonio Lopes e, por ultimo, o inspirado poeta Maranhão Sobrinho, que recitou uma brilhante poesia de sua lavra, referente ao glorioso dia nacional.

AS ESTRELLAS

—E como foi que fizeram as estrellas?

—Não te contei ainda?

—Não.

—Era uma vez uma princeza de uns olhos assim tão grandes como os teus, de uns cabellos tão loiros como os teus cabellos, que tinha um principe bonito.

Como o pai da princeza era inimigo do principe, trazia a filha trancada em uma torre de bronze muito alta, que chegava ás nuvens.

Os apaixonados nunca haviam falado a sós. Uma fada, madrinha da princeza, uma noite abriu os portões de bronze da torre e fez a princeza descer para falar ao principe que alli estava a espera do brilho de seus olhos e da seda doirada dos seus cabellos.

Nesse tempo as noites eram escuras sem uma luz, irradiando pela treva do céu.

Elles dois se puzeram a falar. O labio delle queimou a polpa fresca do labio della.

Uma estrella luziu na noite. Mais outro beijo, mais outra estrella. E muitos beijos, muitas estrellas aos milhões, brilhando na escuridão do céu.

—Então são os beijos que fazem as estrellas?

—Sim.

—E como é que tanta gente por ali se beija e não apparecem mais estrellas no céu?

—E' porque essa gente não ama. E' preciso que se tenha muito amor na alma e muito

Primavera

Primavera

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

Redactores:

Appolinario de Carvalho, Mariano Chagas, José Maria de Jesus e Estelano Polary.

Publicação—aos Domingos.

Assignaturas

Bi-mensaes (exclusivamente) 1\$000
Numero do dia, 100
Numero anterior, 200

Toda e qualquer correspondencia para este hebdomadario devera ser dirigida a gerencia do «Diario do Maranhão», á rua da Palma n. 6.

calor no labio, para que um beijo se transforme numa estrella.

—Beija-me na bocca, anda, mais, beija-me. Espera, não vejo uma só estrella no céu. Impositor! E tu dizias que me amavas muito, muito.

E poz-se a chorar, enquanto no céu a noite continuava cheia de treva, sem uma estrella...

Viriato Corrêa.

Angela Grassi

Da inspirada poetisa, cujo nome en cima estas linhas, recebemos delicada cartinha em resposta á que lhe enviamos, convidando-a para conosco colaborar neste modesto periodico litterario.

Agradece-nos a distincta poetisa a gentileza do convite que lhe fizemos. Nada, absolutamente, tem a agradecer, pois si assim procedemos foi devido á sua reconhecida competencia.

Corre insistentemente que «A Palavra» váe agora andar de bicycleta, pois acaba de tirar uma na rifa do sr. Wladimir Reis, para esse fim.

Si sem bicycleta correu tanto, quanto mais agora...

Aguentem-se, assignantes!

Dia aureo

Fazem annos:

Hoje — nosso amigo Raymundo Gonçalves da Silva, 1.º escripturario da Intendencia Municipal;

No dia 18 — a gentil senhorita Zulma Augusta de Jesus, prezada irmã do nosso distincto companheiro de trabalho José Maria de Jesus;

no dia 20 — a graciosa *ingorina* Rosica Caldeira, dilecta irmã dos nossos bons amigos Joca, Josaphat e Quincas Caldeira;

a sympathica *demoiselle*, unquilha de Oliveira Tavares.

Pesa tambem hoje a data do anniversario natalicio do nosso distincto companheiro de lutas — o inspirado poeta Mariano Chagas.

Moço, intelligente e amigo dedicado das letras, Mariano Chagas tem apresentado aos seus collegas e conterraneos, depois de algumas lutas, é verdade, produções poeticas que se tornam merecedoras de applausos; e si meliores não tem apresentado, não é por que lhe faltem competencia, intelligencia e inspiração: é apenas devido á pouca ou nenhuma importancia que elle dá aos livros e aos mestres, não obstante receber constantemente conselhos dos seus collegas e amigos. Não fosse isto e, estamos certos, Mariano Chagas seria melhor ainda.

Estude, pois o Mariano, ouça os bons mestres, guarde as explicações dos competentes, que será mais tarde um distincto poeta da nossa terra.

E' esse o conselho que nós, seus companheiros de Relação e collegas de lutas, lhe damos hoje, de envolta com os nossos melhores saudaes.

Festejaram tambem o seu anniversario natalicio:

No dia 13 — esse intelligente e distincto amigo Vetriniano Parga L. Melrelles, habilitado escripturario de Fazenda;

no dia 14 — a nímosa senhorita Anna Amelia Vianna Torres, prezada irmã do nosso amigo João Silvestre Vianna de Aguiar Torres.

Parabens.

ESCRINIO DAS RIMAS

No enterro de um anjinho

El-o que segue ornado de mil flores,
De manto azul e tunica de neve,
A sorrir... a sorrir porque tão breve
rugu da vida sem provar-lhe as dores.

Vão-no levando á cova. Os portadores
Do branco esquife pequenino e leve
São creanças tambem, que não se deve
Deixar um anjo em mãos de peccadores.

Do funereo cortejo me avesinho
E das creanças vou seguindo os passos,
A scismar... a scismar pelo caminho.

No caixão pendente de seus braços,
Julgo estar vendo, não o louro anjinho,
Mas uma alma de mãe feita em pedaços.

Padre A. Thomaz.

TEU NOME

Teu nome tem tanta graça,
Que eu folgo muito em dizel-o.
Mas já não sei o que faça
Para poder descrevel-o.

Teu nome parece a rosa
Desbrochando perfumada,
Toda faceira e miúda,
No jardim, de madrugada.

Teu nome pronouncado
Tem uma graça divina:
E' mimoso e delicado
Como a formosa bonina.

Teu nome brilha em minha alma,
Como um astro em noite escura,
E as minhas dores acalma
Si a minha bocca o murmura.

Teu casto nome perfeito,
Que digo nesta quadrinha,
Vive guardado em meu peito,
Canta em meu verto. — Bellinha.

S. Luiz—1909.

Appolinario de Carvalho.

Pagina occulta

Quando eu parti, deixei-a solçando...
 Não amor era um sonho inamulado,
 Est-se-la duas almas sem peccado,
 Num céu de rosas, nitido, voando!

Ao voltar, e por ella perguntando,
 Vi, depois de haver muito procurado,
 Negra mudex no seu salão dourado...
 E a illusão o meu ser foi dominando!

—Ella é morta!... Não Me respondam.
 —Casou-se? E' d'outro? Como?... E alfores
 se oviam

Os tristes prantos que eu soltava, á tã...
 E nisto, vóz de mãe toda amargura,
 Me diz: «Ella se tornou peijura,
 •Eolamando á virginal corda»...

Tem—17—1909.

ESTOLANO POLARY.

Bilhetes ao Interior

Meu cunhado Jorge Gomes.

Ha muita que eu tenho em mente
 Contar-lhe um successo novo,
 Dar-lhe noticia do povo
 Que por aqui está doente.

Por este fique inteirado
 Que a Maria Fortunata
 Deu uma surra de ortiga
 Numa comadre e amiga,
 Por causa do Zé Barata

Si se fallar de politica,
 Os seus negocios vão calmos...
 Você sabe que a Sinhá
 Tem um noivo—o Jorge Sá—
 Do nariz de quatro palmos!!!

Morreu aqui, outro dia,
 Um rapaz, de cujo nome
 Não me lembro com presteza,
 Mas a sua morte foi
 Que foi de ataque de fome.

Já notou que o Maranhão
 Tem gazetas por demais?
 A prova disto é sincera:
 Agora, co'a «Primavera»,
 Assigno trinta jornaes!

Existe aqui um Fulano
 Que alguns artigos flados
 Quer comprar a seu Parada:
 C'rdas e letra dourada
 Para dia de finados.

Adens, cunhado, até breve...
 'Stou com somno e vou á rede...
 Não vá ficar amollado
 Co'os bilhetes do cunhado.

Alcides do Cantanhede.

Zequinha

Bemdieta seja a minha dôr algente,
 A minha dôce magua dolorosa,
 Seja bemdieta quem soffrer silente,
 Por uns olhares de mulher formosa.

Bemdieta seja quem, alegremente,
 Soffrer cauto do uma paixão ditosa,
 Que chorando descaute dôcemente
 A triste magua de uma dôr saudosa

Gostas, eu sei, de maltratar-me. O
 hando
 Dessas dôres bemdieta e saudosas
 Vive em meu peito sendo e mergui-
 ando.

Gosto do teu rigôr. Quero soffrer...
 Quando se soffre por mulher formosa,
 Affirmam todos, é o melhor prazer,

Mariano Chagas.

A nossa recepção

Diário do Maranhão—Accusando a
 visita de outros jornaes liz: A «Primave-
 ra», novo semanario que inicia agora
 a sua publicação.

E' collaborado por diversos rapazes
 do nosso meio litterario.
 Gratos.

Picótilha—Começa a sua publica-
 ção-hontem, nesta cidade, a «Primave-
 ra», orgão litterario, critico e notici-
 cioso, dirigido pelos ass. Appolinario
 de Carvalho, Mariano Chagas, José
 Maria de Jesus e Estolano Polary.
 Agradecemos a visita.

Jornal dos Artistas—Recebemos e
 agradecemos o numero 1.º da «Primave-
 ra», periodico litterario dirigido
 pelos intelligentes moços Estolano Po-
 lary, Appolinario de Carvalho, Mari-
 ano Chagas e José Maria de Jesus.

Auguramos ao novel collega longa
 vida coroada de vicejantes flores da
 formosa estação.

Avenida

A's provas de genizeza dos illus-
 trados collegas os nossos sinceros e
 respeitosos agradecimentos.

Ferimentos

Na noite de sabado penúlti-
 mo, 9 do corrente, deu-se uma
 scena de sangue na rua do Norte
 desta cidade, entre duas mu-
 lheres de vida facil, resultando
 ficar uma, a de nome Josepha,
 com alguns ferimentos, ao que
 nos consta, graves. A delin-
 quente evadiu-se.

A policia compareceu ao lo-
 cal do conflicto, tendo procedido
 ao necessario corpo de delicto e
 feito recolher a paciente á Santa
 Casa de Misericordia.

Recebemos e agradecemos:

A União Mutua, dois folhe-
 tos da sociedade do mesmo
 nome, que tem sede em S. Paulo.

Tendo, como o indica seu
 nome, por base o mutualismo,
 afasta-se, entretanto, do meca-
 nismo das caixas de pensões
 até hoje existentes.

E' assim que, por meio de
 sorteios mensaes em que en-
 tram todos os socios de uma
 serie (dois mil no maximo) pôde
 um destes—o cujo nome for re-
 tirado da urna—receber imedia-
 tamente cinco contos de réis,
 uma regular soma para os que
 moirejam nesta pobre vida.

E' assim se repete todos os
 mezes até findar a serie.

E' uma loteria? Muito melhor
 que isso.

As series d'A União Mutua
 são apenas de 2.000 socios,
 quando as loterias são em geral
 de 10, 20 e 30\$000 bilhetes e que
 nas loterias ha o azar e comu-
 mente o bilhete sai branco, no
 contrario do sistema d'A União,
 no qual «o mutuario apenas
 perde os juros, pois os seus
 cinco milreis lhe são restituídos
 no caso de não ser sorteado».

E' uma bela sociedade, a
 quem está destinado um bri-
 llante futuro.

Suffraga-se a 19 do andante,
 ás 6 1/2 horas da manhã, na
 Igreja do Recolhimento, a alma
 de D. Evarista de Castro Go-
 mes, prima do nosso collega
 Appolinario de Carvalho.

Para esse acto de fé christã
 convida a familia da finada os
 seus parentes e amigos, como do
 annuncio em outro jornal publi-
 cado.

Conforme haviamos noticiado,
 formaram no domingo p. pas-
 sado os moços do «Tiro Marit-
 nhenses e os alumnos do Ly-
 ceu, tendo á frente o 2.º tenente
 Josephat Galdeira, sob cujo com-
 mando fizeram evoluções e per-
 correram diversas ruas desta
 Capital.

Segundo somos informados,
 haverá grande passeiata das
 duas corporações acima, no fu-
 turo 15 de Novembro, data em
 que se commemora o annivers-
 sario da proclamação da Repu-
 blica Brasileira.



ANNUNCIOS

PARADA & GOMES

Importante casa
de armador

Rua de Sant'Anna canto
com a da Madre Deus

Vendem corças mortuarias de
todos os gostos e tamanhos;
alugam lanternas a 300 réis, e
satisfazem a qualquer freguez
com outros quaesquer artigos
proprios para o proximo dia 2
de Novembro - Dia de Finados.

Casa Ouvidor

DE

Khalil Lauand

Rua Grande, n. 5

Grande loja de modas, onde
se encontram artigos de fino
gosto, de sorte a satisfazer os
freguezes por mais exigentes
que se tornem.

Completo e variado sortimento
de fazendas, fitas, rendas, per-
fumarias, mudezas, etc.

Todos a

CASA OUVIDOR,

Rua Grande n. 50

que não encontra competidores!

3-

O Brazil

Loja de Modas

Acaba de receber grandioza
collecção de tecidos leves pro-
prios para as reuniões Domini-
caes, e outros artigos como se-
jam chapéus de feltro, — (Cha-
leira), ditos de palha da Italia,
e chapéus de seda, manti-
lhas de lã proprias para as
Exmas. Famílias levarem ás
reuniões.

Communicamos ao respeita-
vel publico que nas nossas sec-
ções de Perfumarias, louças,
vidros, metaes, artigos para
senhoras, homens e creanças,
encontrarão tudo que é bom,
bonito e barato, e estamos cer-
tos que agradarão aos mais
exigentes freguezes.

Vizitem «O Brazil».

Rua Grande, n. 31A

Maranhão

Typ. Frias—1258.

Moveis de Estilo

DE

Domingos Monteiro de Souza

Officinas - Rua do Sol, n. 18 — Deposito Praça João Lisboa, n. 6

A **Marconaria Moderna** tem sempre em deposito um
extenso *stock* de artisticos e riquissimos moveis para sala
de visitas, gabinetes, alcovas, quarto de dormir, sala de jan-
tar e demais depeadencias de uma casa de familia, que de-
seja possuir lindas peças de moveis em qualquer estilo
conhecido.

Cadeiras para collegios, escriptorios e costureiras

Prezentemente possui grande e variadissimo sortimento,
em gosto apurado, de cadeiras para sala de visitas e de
jantares.

Acceptam-se encomendas para

toda a quantidade de moveis

O deposito acha-se francamente á disposiçao dos vizitantes.

Estrella de Ouro

Importante loja de modas de

João Miguel Facure

Rua Grande n. 40

Nest estabelecimento o freguez mais exigente encontrará
artigos de gosto apurado, taes como: phantasias, cambraias—
grande sorumento—, EDITH de côres, *ponçee* de côres, grande
quantidade de zephiros, linho e algodão para homens e senhoras,
rendas de Valenciana, bordados de toda qualidade, meias, lenços,
perfumes - os mais agradaveis—, verdadeiro sortimento de chi-
tas a preços sem competencia, cambraias e VICTORIAS infes-
tadas e de uma largura.

Liquida-se tudo barato

APROVEITEM!



PRIMAVERA

JORNAL LITERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

ANNO I

Maranhão — Domingo 24 de Outubro de 1909

N.º 4

O Fuzilado de Hespanha

«E surdo ao brado do universo inteiro» o senhor Afonso XIII, rei da Hespanha mandou fuzilar o talentoso professor Francisco Ferrer, que pregava a Liberdade, a Republica e a Nova Escola Sociologica...

E' para lamentar que o senhor Afonso Sanguinario, rei da infelizmente Hespanha, tivesse mandado executar do numero dos vivos um homem, pelo simples facto de doutrinar a Liberdade, a Republica e a Escola Moderna. E o mais lamentavel é não ter esse rei infortunado attendido os pedidos que as outras nações lhe fizeram: a opinião universal que unanimemente negava o indulto do indulto o professor Ferrer, victima das suas garras de rei monstro.

E chegamos tambem a assegurar que esse rei infortunado mandou fuzilar o grande Agitador, por ser bastante ignorante e, portanto, desconhecer que «a existencia é boa só quando é livre e a liberdade é a lei»; pois, se assim não fosse, certamente não mandaria executar o na fortaleza de Montjuich, e nem precisaria que o rei Caíão se tornasse «surdo ao brado do universo inteiro», mandando trucidar o novo Tirallentes, porque tambem desnecessario seria o brado universal.

Mas, infelizmente, vive o senhor Afonso XIII de mãos dadas com uma cédula de pedras preciosas, que se dizem seguidores dos exemplos do Martyr do Golgotha e, nestas condições, continuadores da doutrina que elle pregava.

Christo, o meigo Rabbi da Galléa, nunca impoz a morte a ninguém... Jamais se ouviu dos seus labios san-fox e immaculados uma phrase só, uma palavra apenas, que impuzesse a algum culpado, por mais scelerado que fosse a pena de morte. Entretanto, os seguidores da sua doutrina, os seus legítimos representantes, mandam matar á torto e á direito, ou seja um innocente como o foi a Victima da Cruz.

Talvez os famigerados de sotainas recelassem que a Liberdade, de que

tantô fallava Francisco Ferrer, uma vez implantada, os expellisse das «fronteiras do globo em vinte e quatro horas». E isto porque os reis se lembrassem do final da poesia — do *Villão de Masella* —, do genial poeta portuguez Guerra Junqueiro, que assim diz:

Vamos logo a ver! E enquanto aos sal-teadores
Nada os importa, cardaes, congoas, mantes,
— Traem-nos a manada ebeia de hipopotamos —
Vigiam-nos dos horcos, ó Liberdade! enxa-ta-m'os,
E faze-nos transpor, a granhir, sem desparar
As fronteiras do globo em vinte e quatro horas!

Talvez fosse por isso que esses monstrosos hipopotamos opinassem a favor da morte do glorioso Republicano e Sociologo, que fallava sempre, constantemente, chislo de ardor e de convicção, na Liberdade e na Republica!

Talvez fosse por isso. E por isso talvez seja que elles *dessem* como aquelles *monstrosos hipopotamos* — a ilustração e talento, e vendo um flagello constante, uma sujeição brutal ao regimen monarchico, prega e doutrina a Liberdade, que será, infalivelmente, um lenitivo á esos que soffrem enormes contrariedades, vivendo tolhidos de todas as vontades, sujeitos aos caprichos bestinas de qualquer zebroide que toma assento num throno.

Eles, os padres, têm tanta certeza de que perderão imenso com a Republica na Hespanha, que não deixam viver por muito tempo o individuo que seguir as idéas do malogrado Ferrer... E ordinariamente, o clero faz guerra de morte aos homens intelligentes e talentosos, porque estes têm a luz da sciencia, da verdade e da justiça a illuminar-lhes a senda que percorrem e *debaixo d'esses raios de luz* mandam, não se deixam, como os tristes mentecaptos e pobres ignorantes, levar pelas mentiras de padres exploradores da religião do Martyr de Jerusalém. A prova mais evidente, clara e veridica, do que avançamos ahí está no papel deprimente que ha pouco representou, no Rio de Janeiro, o bispo da nossa terra quando o grande tribuno Coelho Lisboa, na Sociedade de Geographia, la-

mentando ser um crime social o fuzilamento, propunha que o Brazil, alliado ás outras nações civilizadas (e mais do que ellas), devia protestar contra a barbara execução de Ferrer e o acto revoltante do rei implacavel. — elle, o prelado *caridoso, humanitario e bom*, o chefe da igreja maranhense, o *fiei representante* de Jesus, deu seu voto contra, acompanhado por dous individuos pertencentes áquella sociedade.

E foi no entanto fuzilado o professor Francisco Ferrer...

Mas a serenidade, a coragem e a convicção com que elle disse, na hora da fatalidade: «Soldados! Apontem bem! Viva a Escola Moderna!», denotam que na Hespanha ainda será cantado o hymno altisonante da Liberdade, como desfraldado será o auriverde *Villão Republicano*, muito embora se faça mister o sangue de Afonso XIII lavar as ruas hespanholas.

Seja-nos, entim, permitido dizer que esse rei sanguinedo da patria do Cid deve ser lynchado pelo povo e arrastado pelas ruas mais publicas do palz que administra, para que o seu sangue de vibora derramado possa lavar a affronta vil e infame, digna do seu caracter pequenino e soez, atrada ás faces das outras nações, ás letras e á propria Liberdade, que deve ser religiosamente respeitada.

Um rei que desce a tanto, perde o titulo de rei e recebe o diploma de assassino, tornando-se, *ipso facto*, digno de punição severa.

E para isto ahí está o *tribunal dos Anarchistas*, onde, com certeza, será julgada essa panthera esfalmada, que receberá a necessaria sentença — a morte por dynamite.

PALESTRA

Nesta cidade individuos ha bem trajados e de boa apparencia que não vivem de outra coisa sinão pedir dinheiro na rua, não aos amigos e conhecidos, que já sabem quem elles são e não cahem, mas a toda a gente que passa.

D'antes, o numerooso pessoal

Primavera

JORNAL LITERÁRIO, CRÍTICO E NOTICIOSO

Redactores:

Appolinário de Carvalho, Mariano Chagas, José Maria de Jesus e Estolano Polary.

Publicação—aos Domingos.

Assinaturas

Bi-mensaes (exclusivamente) 1\$000
 Numero do dia..... 100
 Numero anterior..... 200

Toda a qualquer correspondencia para este hebdomadario deverá ser dirigida a gerencia do «Diario do Maranhão», à rua da Palma n. 6.

dos mordedores era todo masculino, mas ultimamente appareceram na circulação algumas senhoras com magníficos dentes...

Ha dias, na rua Primeiro de Março, fui inopinadamente atacado por uma d'essas damas:

—O senhor pode dar-me uma palavra em particular?

—Pois não, minha senhora!

—Estou n'uma situação embaraçosa: tenho que aviar uma receita para um filho doente, e esqueceu-me em casa a carteira! Si o senhor me emprestasse o dinheiro preciso, far-me-ia um grande obsequio...

A minha primeira ideia foi perguntar-lhe com que direito podia dinheiro emprestado a um homem que não conhecia; a minha segunda ideia foi dizer-lhe que não tinha commigo nem uma de x; a minha terceira ideia foi a melhor. Voltei-me para a tal senhora e perguntei-lhe com toda a naturalidade:

—A senhora quer, então, aviar uma receita?

—Sim, senhor.

—E não tem dinheiro?

—Não, senhor.

—Então não podia ter-se dirigido a uma pessoa que estivesse mais no caso de servi-la.

—O senhor dá-me o dinheiro?

—Não, senhora.

—Ah!

—Não lhe dou o dinheiro, mas avio-lhe a receita, o que vem a dar no mesmo: eu sou pharmaceutico. Queira acompanhar-me.

Dizendo isto dei-lhe as costas e segui o meu caminho. Ao passar em frente a pharmacia Gra-

nado, entrei no estabelecimento, pensando commigo:

—Si ella me acompanhou, mando aviar a receita, e pago. Si não me acompanhou, foi porque mentia.

Puz-me á porta da pharmacia e olhei para todos os lados: a tal senhora tinha-se eclipsado.

Meia hora depois, eu encontrava na rua de Carmo, agarrada a um cavalleiro complacente, que explorava a algibeira da calça, naturalmente á procura dos cobres para aviar a receita.

Pobre cavalleiro! Si elle se lembrasse, como eu, de dizer que era pharmaceutico, ter-se-ia livrado d'aquella receita... e d'aquella despeza!

Entretanto, aqui fica a minha receita para uso dos leitores, a quem estiverem reservado semelhantes encontros. E' infallivel.

(D'O Paiz)

A. A.

(Arthur Azevedo)

Dia aureo

Fez annos, no dia 22 do corrente, o nosso bom amigo Viriato Carlos de Oliveira e Souza, intelligente funcionario postal. Parabens.

Festejou tambem o seu anniversario, no mesmo dia 22, o nosso amigo Flavio Góes dos Santos, empregado do Lloyd Brasileiro. Saudamolo-o.

A nossa recepção

Avante—Com o titulo «Primavera», fundaram os estudiosos jovens Appolinário de Carvalho, Mariano Chagas, José Maria de Jesus e Estolano Polary um pequeno semanario, cujo primeiro numero circula no dia 3 do corrente. A «Primavera» é periodico litterario, critico e noticioso.

Confessamo-nos gratos pela vizifita que nos fez o novo orgão de publicidade, desejando-lhe longa vida e muitas prosperidades.

Avenida

«Silencio sepulchral e triste como eu»...

A's innumeradas provas de consideração de todos os collegas nos penhoramos sumamente gratos.

ESCRINIO DAS RIMAS

ASSOMBRO

Aberto estava o templo: a procissão entrara. Alvas visões de carne em seda esplendorosa. Vinham beijar, chorando, a face dulgrosa Do Christo, o redemptor da multidão ignara.

Ella, tambem, condoida, aproximou-se para...
 No semblante trazia a fina cor da rosa
 E nas pequenas mãos a cor do lyrio, clara.

Sabito, um alvoroço em todo o templo augusto; Algas e branca, pendu aquella flor, de susto, Atenta, perplexa, allucinada, louca...

O Christo estava além, no esquife, junto ás santas;
 —Ella não se curvou para beijar-lhe as plantas,
 Foi elle quem se ergueu para beijar-lhe a bocca...

Costa Gomes

(Das «Albatross».)

Saudade

Sonho ou visão! a imagem sedutora De uma creança que adorei na vida Eu vi num branco leito casaccida, Male ilo que nunca e nunca encantadora.

Era sua fronte pallida, pendida, Minozza flor que nos prazeres...
 Numa manha de sol abrasadora,
 Numa aureola de luz toda envolvida.

A vi assim!... Tomei-lhe as mãos e quando— Dos meus labios então, suas mãos de neve Tremulamente fui aproximando...

Sonho ou visão! a imagem sedutora, Cruel, mais que cruel, fugiu-me breve Deixando-me a saudade esmagadora!

Artindo Martins

(Das Rimas «Martello».)

Ventura immensa

Oh! que prazer immenso e illimitado! Que ventura bendita e gloriosa! Têr no amor e ser leforiado Por linda bocca de mulher formosa!

Oh! lirio albente, doce e perfumado, Oh! aveinha de canção maviosa, Pêra um revolver meigo e delicado, Para matar-me com tua mão alrosa.

Quero morrer por essa mão divina! Oh! que ventura, que felia confôrto, Si me matasses, divina menina!

Eu sorriria de prazêr ainda, Tão gloriôso, por têr sido morto Por linda mão de uma creança linda!...

Mariano Chagas

Primavera

Olhos verdes

Olhos encantados, olhos cor do mar,
Olhos penetrantes que fazes sonhar!

Que formosas coisas, quantas maravilhas
Em vos vendo—sonho, em vos fitando—vejo!
Córtes pittorescos de afastadas ilhas
Abundando no ar seus coqueiros em flor,
Solidões tranquillizantes para o beijo,
Ninhos verdejantes feitos para o amor...

Olhos pensativos que falas de amor!

Como quando a noite, vir o subito e lúz...
O horizonte, como para recebel-as,
De uma fúria de ouro todo se debrasa;
Afla a brisa, cheia de ternura ouçada,
Esfrolando as ondas, provocando a ellas
Bruscos arriplos de mulher beijada...

Olhos tentadores da mulher amada!

Uma vela branca, toda alvor, se afasta
Balançando na onda, palpitando ao vento;
Fica a que se ergulha pela noite vasta,
Pela vasta noite feita de luar;
Fica a que se ergulha pelo firmamento
Desdobrado ao longo dos confins do mar...

Olhos sedutores que fazes suspirar!

Branca vela errante, branca vela errante,
Como a noite a clara! como o Céu é limbo!
Levante-se contigo pelo mar... Adiante!
Levante-se contigo até mais longe, a essa
Fúria do horizonte onde te vae sumindo
E onde acaba o mar e de onde o Céu começa...

Olhos abençoados, cheios de promessa!
Olhos pensativos que fazes sonhar,
Olhos cor do mar!

VICENTE DE CARVALHO.

Au départ

A Sinhá Tavares

Adieu, et si c'est pour toujours,
Adieu, pour toujours encore—
adieu!

Lucartias.

Adieu! Longe não ouças esse brado
Da voz que punge uma mulher que chorou,
Nem sinta a sanidade que apavora
Men triste coração apaircnado!

E não vejas sequer uma só hora,
Nas curvas de seu mar verde, azulado,
Ao despertar no céu a rubra aurora,
O meu vulto de lagrimas banhado...

Partes, sim; e não sabes como penso
Em ti, que vâs pelo oceano immenso,
A ouvir as ondas com furor bramindo...

Partes! E es fêo a meditar, chorando,
Tendo no peito o coração sangrando
De mil saudades deste amor infuso!

S. Luiz—909.

Appolinario de Carvalho

A Tempestade

Só se esconde... nuvens desgarradas
Nos espaços volteiam doidejantes;
Estacem-se dançosas, palpitantes,
E rompem-se, cruéis, electrizadas!

Descem curtos... rútilas camadas
De um fogo ethéreo rolan fumegantes,
Geme a procella aos sopros crueisantes
Do vendaval nas serras escarpadas!

Tudo se humilha... os asperos rochedos,
Os orgulhosos elevam-se potentes,
Mirram-se sob as garras do tufão!

E do éther aos túrgidos penedos,
Cabem castéllas eléctricas, ardentes,
Ante os ríjões fragorosos do trovão!

Em 18—3—909.

Estolano Polary.

Bilhetes ao Interior

Meu cunhado Jorge Gomes.

Antes que tudo, permitta
Que eu mude o nome que tinha,
Pois aqui, nesta terrinha,
Existe um outro que o imita.

Outro Alcides Cautanhede
Temos aqui, já se sabe,
Mas o typo não vê-seja,
E não convém que ele esteja
Gosando o que lhe não cabe.

Por isso, d'hoje em diante,
Passo a chamar-me Romão
Mande-me sempre suas cartas
De muitas notícias fartas,
Sem mais haver confusão.

Agora vamos tratar
Do que mais nos interessa...
Do povo fallar da manha...
Pelo successo da Hespanha
Este bilhete começa.

Revolta, cunhado, o acto;
Do rei da patria de Véga,
Que surdo ao mundo ficou
E o Ferror matar mandou...
Liberdade não se pregu!

Si acaso eu fosse anarchista,
Ou algum poder tivesse,
Arranjaria um bom melo,
Calmo, sem dá, sem dar...
Para que o Affonso morresse.

O povo espanhol que tenha
Guidado, que o rei é sonso;
Não pregue mais Liberdade
E veja com brevidade
Se pode lynchar o Affonso!

Vou lhe tratar doutra cousa,
Cunhado, bastante pandega,
Dum moço então protestante,
Que é caixeiro despachante
Da nossa formosa Alfandega.

E' Benedicto Langanko
O nome do tal rapaz,
Que abandonando Luthero
Tornou-se christão sincero
E as missas ouviu demais...

O moço está de tal forma,
Que já nem quer trabalhar...
Váe sempre, váe muitas vezes,
Passar um, dois ou tres mezes
No arrabal de Riba-Mar!

Protestante é mesmo assim:
Quando a Luthero despreza,
Fica todo atrapalhado,
Quer ser romano aferrado,
Não perde mais uma roza.

Mude-se agora o assumpto...
Não sei si já lhe fallei
Duma mulher que outro dia,
Depois de muita arreliá,
Levou facendas... Não sei

Porque motivo as levou...
Dizem, porém, que o rapaz
Tem muita razão de sobra,
Pois a bicha é igual a cobra,
Morde o pobre por detraz...

Adeus, amigo cunhado,
Já basta de amolação...
Recommende-me á comadre,
De lembranças ao Zé Padre
E diga adeus ao

Romão.

NOTICIARIO

Principiaram, no dia 17 do
andante, as manobras militares
de que trata o programma do
Coronel Inspector interino da
Região Militar, neste Estado,
publicado na *Pacotilha*; as quaes
deverão terminar no dia 30
ainda deste mez.

As primeiras, feitas na *Praça
dos Amores*, estiveram regula-
res e, com a continuação, é
possivel que surta melhor effei-
to ainda.

Prevenimos aos nossos bons
assignantes e assíduos leitores
que no proximo dia 2 do no-
vembro, data em que se com-
memoram os defunctos, dare-
mos uma edição especial da
Primavera, impressa em bom
papel assatinado e dedicada
aquelles que já não pertencem
à vida terrena.

Temos sobre a mesa de tra-
balho os ns. 72 e 73 do *Jornal
dos Artistas*, que traz variada
leitura, sobresahindo-se as bo-
nitas *chronicas* de *Catiara*.
Gratos, pela visita do distin-
cto collega.

Primavera

ANNUNCIOS

PARADA & GOMES

Importante casa
de armador

Rua de Sant'Anna canto
com a da Madre Deus

Vendem corões mortuarias de todos os gostos e tamanhos; alugam lanternas a 300 réis, e satisfazem a qualquer freguez com outros quaesquer artigos proprios para o proximo dia 2 de Novembro - **Dia de Finados.**

Casa Ouvidor

DE

Khalil Lauand

Rua Grande, n. 5

Grande loja de modas, onde se encontram artigos de fino gosto, de sorte a satisfazer os freguezes por mais exigentes que se tornem.

Completo e variado sortimento de fazendas, fitas, rendas, perfumarias, miudezas, etc.

Todos a

CASA OUVIDOR,

Rua Grande n. 50

que não encontra competidores!

3-

O Brazil

loja de Modãs

Acaba de receber grandioza colleção de tecidos leves proprios para as reuniões **Domini-caes**, e outros artigos como sejam chapéus de feltro, (**Chaleira**), óitos de palha da Italia, e chapéus de seda, mantilhas de lã proprias para as Exmas. Famílias levarem ás reuniões.

Communicamos ao respeitavel publico que nas nossas secções de Perfumarias, louças, vidros, metaes, artigos para senhoras, homens e crianças, encontrarão tudo que é bom, bonito e barato, e estamos certos que agradarão aos mais exigentes freguezes.

Vizitem «O Brazil».

Rua Grande, n. 31A

Maranhão

Maranhão - Typ. Frias.

Moveis de Estilo

Domingos Monteiro de Souza

Officinas - Rua do Sol, n. 18 — Deposito Praça João Lisboa, n. 6

A **Marcenaria Moderna** tem sempre em deposito um esplendido stock de artisticos e riquissimos moveis para sala de visitas, gabinetes, alcovas, quarto de dormir, sala de jantar e demais dependencias de uma casa de familia, que deseja possuir lindas peças de moveis em qualquer estilo conhecido.

Cadeiras para collegios, escriptorios e costureiras Presentemente possui grande e variadissimo sortimento, em gosto apurado, de cadeiras para sala de visitas e de jantares.

Acceptam-se encomendas para
toda a quantidade de moveis

O deposito acha-se francamente á disposição dos visitantes

Estrella de Ouro

Importante loja de modas de

João Miguel Facuro

Rua Grande n. 40

Neste estabelecimento o freguez mais exigente encontrará artigos de gosto apurado, taes como: phantasias, cambraias— grande sortimento—, **EDITH** de cores, **ponçoe** de cores, grande quantidade de zephiros, linho e algodão para homens e senhoras, rendas de Valenciana, bordados de toda qualidade, meias, lenços, perfumes — os mais agradaveis—, verdadeiro sortimento de chitas a preços sem competencia, cambraias e **VICTORIAS** infestadas e de fina largura.

Liquida-se tudo barato

APROVEITEM!

PRIMAVERA

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

ANNO I

Maranhão - Terceira 2 de Novembro de 1909

N.º 5



FINADOS

Hoje, para muitos, é um dia de recordações e de saudades, que, como sombras, se erguem do passado, para lembrar aos que habitam neste vale de desesperos e agonias, de salvação e ventura, um som que se ouviu hontem, um perfume que se sentiu, tão forte, tão captivante, que ainda vive, prazentemente impregnando a alma. Uma nave que passou, bôa, ou má; um canto, nonia ou endecha, que foi delicia do sentimento, conforto do coração; uma palavra que ecoou agradavelmente no espirito, impressionando o prestes-pouco para o bem ou para o mal; um riso bem que se esperou, qual raga, e que alcançou a aparência de um caracter severo; uma lagrima, que, um dia rolou pelas feixas de algem, furtiva e ligeira, denunciando uma dôr ou uma tormenta; tudo isto vem successivamente repassar, como um sonho, na fronte do homem que vive pelo sentir, que se nutre dos affectos queridos, que elle tem havido no curso de sua existencia.

Uma noite de prazeres, algumas horas de trabalhos, alguns dias de toetas, de desgostos e de desenganos, um triumpho ou uma derrota; um acto de abnegação, ou um decidido rasgo de coragem; o que foi perdida, esperança que se doleceu á luz da eranga; amor que inspirou bons versos; paixão que matou a energia da alma; um olhar que valeu por uma desillusão; um gesto que valeu por uma promessa; um ralo de luar que nunca mais se esqueceu; um occaso pulcherrimo que sempre se recorda, tudo isto, passa fleto-

losamente, pela alma que, recolhida, abstrata, mergulha no mar das reminiscencias.

Mas o que edifica, o que alimenta as gerações, o que fortifica o animo, o conserva o caracter, moralizando-o, é a recordação do que foram os vultrosos instantes que, se passaram no presente.

Aquelle sorriso dotheo, um caracter; aquelle olhar reconstitue uma physionomia; aquella palavra diz uma vontade; aquella fé perdida, um organismo; aquella esperança que revive, um temperamento; aquella paixão significa um destino que se devia cumprir; aquelle gesto, uma futilidade do ser; e, ou seja grandeza humana, ou pequenez doente do espirito, quem lembra, se delicia com o que accede á memoria, porque o tempo já se encarregou de apagar as obras vivas da impresso pessoal; e o que surge, cecando, vem envoldo em doce novidade, na claridade da gente que vê as coisas revividas.

— Bandido ou miseravel, recrudescer no latido, scientista ou homem de letras; humano que praticou a caridade, ou degenerado que nunca deu uma gotta d'agua a beber; apostolo que se fez conhecer pelas suas virtudes; fulmine, que nem com as suas torpezas, conseguia collocar-se no nivel em que se galardoavam os seus eguaes em baixezas; capitão que se arrojou nas batallas crentes e que del seu um nome immortal na historia das grandezas humanas; soldado, obsequioso com patria, que á morte esmagou, como se esmagou

um verme, nos tormentosos prechos, coração que foi fiel, alma que foi indigna na amizade, incapaz no amor, tudo isto, que os annos arrebataram, tem a sua homenagem no dia de hoje!

Por que não há bem completo, nem mal que acedado seja; não há grandeza que toda se tenha, ou luz nem respigões que toda se acenda ou treva. Não há mal que só mal produza, nem bem que só beneficio espalhe. Há em todos um mixto de bem e mal, de construtor e de aniquilador; e despidas as valdezes, na paz do sepulcro, no eterno repouso do nada, vem lupla, eavel o tempo recto, a construa que não é vesga, tomar conta á existencia que se apagou.

E então, não raro, acontece, que as grandezas são reduzidas a menos da metade de sua estatura, e que á eminencia de uma reputação duradoura se elevam individualidades obscuras e ignoradas.

Para um espirito de Chateaubriand, Napoleão foi um malvado commum; Annibal, um ambicioso vulgar; Alexandre, um saltador valente.

E no entanto passamos, para a eterna noite do tumulo, genios que não bateram á porta da immortalidade, virtudes nunca desprezadas pelo reclamo que tudo pede e tudo vende. E passam tambem magostades que o mundo admira e que a familia condemna. Quantas vezes, as mesmas horas em que nutria sessão magna de Academia se fazem louvores a um talento, num pobre casebre, a quem amargos a desgraça que lhe foi dardejada por elle?

Primavera

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

Redactores:

Appollinario de Carvalho, Mariano Gungas e Estolano Polary

Publicação—nos Domingos.

Assinaturas

Doze mensaes (exclusivamente) 1\$000
 Numero do dia 100
 Numero anterior 200

Toda e qualquer correspondencia para este hebdomadario devera ser dirigida a gerencia do «Diario do Maranhão», á rua da Palma n. 6.

A commemoração dos mortos!

E' incontestavelmente, uma das provas mais imponentes do sentir philosophico do crente, é um dos attestados mais admiraveis da grandeza e da superioridade da antiga Egreja.

Finados!... Sim, porque ali se acabou tudo: ambições, desejos, amor e odio. Ali nada mais palpita, nem brilha; para o tumulto da vida. Ali se acabou toda a pompa e riqueza que governa o mundo; mas tambem não há no Campo Santo, a pobreza que envergonha a miséria que acabranha, a fome que desespera, a perseguição que mortifica e desbarata.

— Ali não há grandes, nem pequenos, não há fortes, nem fracos, nem perfeição nem disformidades: porque tudo se finou para o sempre e para proveito desta verdade—só há uma grandeza material—que é a terra; só há um trabalhador, que não precisa de recompensas—que é o verme!

NASCIMENTO MORAES.

O dia de hoje

Não foi o cristianismo a única religião que estabeleceu no seu culto a commemoração dos mortos. A idéa de uma vida subjectiva posterior á deste mundo, achava-se arraigada nos espiritos dos povos primitivos. Daí, a idéa de consagrar-lhes um culto especial, uma veneração sincera e simples, em que elles fossem considerados como personagens á cuja sombra

se abrigassem os arbilhados desta existencia.

Os druidas, os antepassados barbaros da França actual, attribuiam-lhe papel saliente em seu credo religioso. Na Grécia civilizada, na Roma pagã, elles eram tidos como deuses protectores das familias, e recebiam o nome de manes. Cada familia tinha seus manes, como hoje tem seus mortos queridos, em cujas sepulturas vai depositar flores e luzes, sinceras exhortações das saudades que sente.

Ainda hoje muita gente supõe que, pela evocação possante de além-túmulo, que lhe é peculiar, esta commemoração se pode interessar aos que acreditam na continuidade da vida espirital, na immortalidade da alma.

E' um erro, entretanto. Todo o mundo civilizado respeita a lembrança dos que já partiram desta vida. E esse respeito não tem ligação com as crenças de cada um.

Com effeito, alguma coisa de vago e indistinto nos resta dos finados. Quando não é somente a recordação affetiva que nos impõe os laços de parentesco, é a lembrança dos seus atos, do seu trabalho, da soma de beneficos, mais ou menos grande, que a humanidade lucrou com a vida objectiva dos que saíram da caveira normal dos homens.

E' a preponderancia que sempre nos exercem esses atos que Comte se referiu quando doutrinou que «os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos». A civilização e o progresso nos governam com um dominio acatadíssimo, e os factos gloriosos e sublimes, que se desenvolveram no vasto campo da Historia, nada mais são que o resultado dos esforços collegados das gerações que se sucederam.

Bem fez, portanto, a Republica Brasileira ferindo o dia 2 de novembro. Ella significou com esse ato a sua consideração por esses que, aniquilados hoje, muito contribuíram para o estado de adiantamento em que, relativamente, se encontra hoje a especie humana.

Vitor Lima.

Gonçalves Dias

Passa amanhã o 15.º anniversario da morte do magnifico Cantor dos Tymbiras, Antonio Gonçalves Dias, incontestavelmente o maior Poeta lyrico das duas Americas.

A redacção da «Primavera» rende homenagem á memoria do grande Cultor das Musas, que tão alto elevou o nome brasileiro, especialmente o desta gloriosa terra, que teve a suprema dita de lhe servir de berço.

ESCHINIO DAS RIMAS

Na Rua da Tristeza

(Ante o túmulo de Cotinha)

Trevas! Soluços pela estrada escura...
 Passa na estreita Rua da Tristeza:
 Ha prantos, desalentos, desventura
 E um punhado de espíritos na devesa.

Sigo. Todo pesar, todo incerteza
 Percorro os sete Passos de Amargura...
 Pare. Vaeillo... penso... A natureza
 Traza o pesado fardo da Tristeza...

Volto. Tanto dizer-te a que parago.
 Debalde?... O coração triste agoniza
 E em de suspiros, pallido amaldiçoado.

E' que em fallar minha alma nem se atreve,
 Que a dor, a grande dor que martyria,
 A verdadeira dor não se descreve!...

Americo Cesar.

Ante uma caveira

Espero palliar pede...

Horácio.

O' tu, Caveira! vil destroço humano,
 Que outrora, entre os mortaes, viveste vida,
 Por quanto que a terra, nome, ou corpo humano
 Negou-te os Sete Palmos de guarda?

Serviste a quem? Talvez a algum tyrano
 Ou a alguns de terrura indefeida...
 Que delicto ou que feito soberano
 Tu praticado nesta humana vida?

Essa eterna risada sempre muda,
 Zombando nos da triste humanidade,
 Que ao te ficar, te não observa e estada,

Traduz—por entre o despertar dos germes—
 Que a pobre gente, em certo dia, ha de
 Baixar ao solo e á poeira dos vermes!

Octavio Galvão.

Finados

Mortos! quem vos não ama e quem não sente
 Nestas horas de dôres e gemidos
 Por vós, Mortos amados e queridos,
 Pulsar o coração dolorosamente!

Quem por vós uma prece, nos se plange,
 Com a alma e os olhos para vós voltados,
 Da pupilla dos labios comovidos
 Rotar não deixa dolorosamente!...

Por toda parte, ó mortos, temo umidade,
 Uma tristeza lagubre no espaldar,
 Em sobrios e dôres por Finados.

E por vós que habíeis a Eternidade
 No recanto mais triste do zahn'alma
 Plange e soluça o bazo da Saudade!

Artindo Martins.



força irradiante e atrahente, a marca definitiva do genio que assignala as esculpturas de Miguel Angelo, Donatello, de Sansovino e de todos os semi-deuses da Renascença. No entanto, a sensação de vitalidade artistica que alguns transmittem é magnifica.

O que logo nestas estatuas se nota é o caracter que as distingue da impassivel majestade das antigas, symbolizando a fé e a esperança noutra vida espiritual.

Embora aspirando a exprimir o mesmo ideal, a esculptura moderna está separada da primitiva por uma divergencia moral enorme.

Esta era calma, serena, porque a animava a certeza. A d'hoje é dolorosa, apaixonada, porque traduz as ansiedades e as hesitações da alma ante o inviolavel mysterio que a pavora. A morte já não é uma transição da vida presente, cuja duração inevitavel tem a sua compensação na vida celeste; mas o aniquilamento do ser: a desappareição não só corporal, mas talvez absoluta d'aquelles que amamos, na perpetua sombra e no silencio do Nada, sem a esperança doutra existencia em que as almas redimidas de peccado e purificadas do mal, de novo vão encontrar-se nas doçuras da infinita bemaventurança a mão direita de Deus. E diante do obscuro enigma, a consciencia não sente resignação, mas revolta contra a fatalidade inexoravel do eterno destino.

Nesta evolução da razão humana, o symbolo ideal e o sentimento da forma transformaram-se. A arte contemporanea obedece a uma complexidade de emoções que a do passado ignorava. Como em todas as epochas, a uma nova concepção moral correspondeu uma nova forma de expressão. A intensidade substituiu a harmonia. A fé converteu-se no desespero, e a aspiração consoladora na saudade inconsolavel.

A Arte d'out' ora era uma virgem immutavelmente serena, que erguia os olhos puros para o alto e resignadamente esperava, na mudez d'uma confiança sublime. A d'hoje é uma pobre creatura dolorosamente humana que soluça, num desespero convulso, soltos os cabellos, estorcendo os braços, prostrada na attitude do supremo soffrimento, que eguala as mendigas ás rainhas da communhão das

mesmas lagrimas e dos mesmos gritos.

Mais individual e mais real, ao contrario da antiga, toda pessoal e abstracta, em vez de symbolos inertes, modela creaturas vivas. As suas figuras perderam a espiritualidade mystica, a intangivel pureza d'anhos superiores ás vãs agitações da terra.

Imagens da vida, palpita n'ellas o amor e a dor do mundo, tudo o que ha de obscuro e de luminoso do miseravel ou do augusto no coração humano. Assim, algumas pareceram antes encarnar no seu galbro violento a vehemencia das paixões profanas—que a Igreja d'outros seculos repellira de certo dos cemiterios como blasphemias sacrilegas.

Na ala direita da galeria, ha por exemplo um monumento que traduz mais o desespero revoltado do que a fé, e que mais evoca um sentimento pagão do que christão. Não pela forma, a que falta a pureza de linhas da estatuaria grega, mas pelo que de profundamente instinctivo e carnal se revela na ideia que exprime.

Sobre um leito, todo em do salinco—como depois das noites de amor, ou de agonia—está estendido o corpo d'um homem. As suas formas alongadas têm a elegancia fina e vigorosa da adolescencia. Não está morto ha muito. Dizes-se já desmaiado. A pelle não endureceu ainda sobre os ossos. Adivinha-se, sob as pregas do linho encharcado pelo suor da agonia, a nudez mal estrada da carne, d'onde ha momentos apenas fugiu o calor da vida, e o contorno do peito onde o coração ha tão pouco cessou de bater.

Sómente os pés, lírios, nus, estão já rigidos. E as mãos fidas, contrahidas na ultima crispção, parecem transparentes, sobre a dobra do lençol. Mas, na bocca entreaberta, ainda um sorriso, como se fosse balbuciar ao ultimo beijo um nome adorada. E que apparencia de vida faz mais tragica aquella morte!

Debruçada, quasi caída sobre o cadaver, uma mulher nova e de grande belleza—soergue-lhe nas mãos a cabeça exangue, n'um indizivel gesto d'amor, do ternura d'afflicção.

Esposa ou amante, de certo! Uma mãe ou uma irmã não teriam, na sua angustia,quelle fervor violento, quasi feroz do posse. N'esses dedos cris-

pados em que se entrelaçam as madeixas dos cabellos do morto, ha uma caricia que ainda na dor guarda não sei que sensual. E aquelle gesto d'amante é d'uma belleza incomparavelmente mais sublime, na sua expressão desesperadamente humana, do que os de todas as mãos em benção ou em prece das frias Virgens da estatuaria christã.

Oh! aquella mulher silenciosa e convulsa, que se curva sobre um cadaver, e tem a imagem do amor mais forte que a morte, do absoluto amor que dura para além da vida.

Os seus olhos não choram. A saudade não se abre para um grito, nem sequer para um gemido. Mas na sua attitude de mulher divinamente amorosa, sente-se a irremediavel amargura das grandes forças impotentes. Nada dizem os labios cerrados. Mas aquella bocca e aquelles olhos exprimem, na immobildade do seu tragico silencio, mais eloquentemente do que pelos gemidos e pelas lagrimas, que são a consolção pueril das dores humanas, a incuravel saudade dos beijos que nunca mais se dão, a nostalgia inextinguivel dos extintos para sempre extintos, a suprema tortura da vividez da carne voluptuosa, ardente, estante, d'uma paixão tão profundamente instinctiva—que é sagrada.

E o que transpira do crispamento febril d'aquelle corpo moço e o sentimento sacrilego da revolta, a maldição da mulher a quem arrancaram o seu homem—o seu Deus unico.

Nada do espiritual! Mas o gesto d'essa amorosa exprime, no seu realismo violento, uma dor tão intensa, que é uma tragedia viva aquelle sepulchro de mármore.

Justino de Montalvão

Sabemos que a banda de musica do Corpo de Infantaria Estaboul. foi, pelo Exm. Sr. Governador do Estado, posta á disposição do Sr. José de Jesus Furtado, affm de tocar hoje, no Campo Santo, durante a missa e das 3 horas da tarde até ás 8 da noite, durante a visitação publica aos mortos.

Maranhão - Typ. Frias.

PRIMAVERA

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

ANNO I

Marambão — Domingo 7 de Novembro de 1909

N.º 6

Tenorios de batina!

O clericalismo, esse canero cujo virus se tem, insidiosamente, inoculado nas sociedades, mormente nas camadas em que prepondera o analfabetismo, precisa, a bem da civilização do século em que vivemos, a bem do princípio constitucional que nos assegura a inviolabilidade do lar, a bem do respeito e acatamento que se devem á Família, a bem da Moral, a bem do Direito, que, a todo transe, se lhe impoña um freio como medida preventiva a males e inevitáveis males, que nos possam advir pelo impudor e descaro de que a maioria dos seus squazes faz, em grande escala, tão copioso cabedal.

Suggestivo nos estas palavras, o telegramma publicado na "Pacófilia" de 1.º do corrente dando ligeira noticia do que no Estado da Bahia um padre praticára offensa ao pudor num menino de 10 annos, fugindo para o estrangeiro.

Faltam nos, no Vocabulario da lingua, palavras com que possamos exprimir ao vivo a nossa indignação pela repugnancia que semelhante acto desperta.

Onde, porém, encontrar-se um correctivo de energica efficacia contra as licenciosidades commettidas por aquelles que se dizem representantes de Deus na terra, quando esses e outros crimes que repugnam e apacorum, grangeando fóros de cidade em epochas bem remotas nos subterraneos do proprio Vaticano, vieram até nos nossos dias, bravastando-se pelas cathedras e invadindo a confissão?

Vem, á talho, de foice, o facto grandemente escandaloso, que ha bem pouco tempo, foi theatro um dos nossos Estados do Sul, de haver um desses Borgias de rospêta, que, dia a dia, pululam como cogumelos em esterqueira, deflorado onze moças, casando-se com uma e, *ipso facto*, lançado ás demais na grande valla da prostituição!

Qual o embuste ou traçoeltra arma de que lançorámo para tornar effe-

ctiva a consuminação desses defloramentos?

O Confessionario, de certo!

A Igreja Romana, por sua vez, imungindo o donjuandeco e libertino sacerdote, simplesmente o fez pelo facto, allá naturalisimamente ter o frasco reparado o mal, casando-se **civilmente** com umadas victimas da sua incontida e férz libidinagem!

Como se vê, a Igreja condemna por um lado e, tacitamente approva pelo outro, o sensual desagroutamento dos seus perniciosos jesuitas que, sem escrupulos, sem fé, sem cousa alguma pela causa do dogma que pretendem defender, enchem a nós outros de avô, levando, incontinuas familias, da tentação á dôr, do desespero á mais aviltante das deshonras — a Prostituição!

Como dahi se deprehende, parece que a Santa Sé obriga os seus rainhetos a referenciarem um certo Boacé, que diz: esse de virgo e honra é tudo pelas.

Mãe. Rejoicemo-nos no padre sodomita.

Esse nojento e viscoso marcego de sacristia, que só de humano deve ter a forma, na incontinencia da lasciva abjecção e abdicando os mais preciosos sentimentos que a creólcan e nobilitam a especie, é incontestavelmente a mais completa negação do Homem. Sim, dizimo completa, porque desclassificou-se, rebaixando-se ás proprias bestas!

E, agora vae rijo, sob a tutela da impunidade, caminho da Europa, chefe de caprinhas voluptuosidades e concupiscencias no olhar, como tantos outros que, num mysticismo falso e doctro, por aqui se cobrem e casqueando a innocencia, suspirando a honra acanalhando a virtude, sedentos, emfim, de amores e paixões inconfessaveis!

Ab uno disce omnes.

No artigo *O dia de hoje*, publicado em o nosso ultimo numero, onde se lê que nos impõe, etc. — leia-se: que nos impõem, etc.

O Pulcherio

Desde os bons tempos beatificamente vividos entre as paredes do Seminario, que o Pulcherio vinha cuminando a grandiosa idéa de ser, em epochas futuras, um *tira-dentes*, não á altura do civismo e abnegação do legendario martyr da Inconfidencia, mas, como tantos outros que por ali andam trucidando as maxillas da pobre humanidade.

O seu sonho dourado, a sua constante preocupação, era de vêr o seu nome, em letras de dimensões tamanhas, estampado numa taboleta á porta da casa em que morasse, encimando estas duas palavras — **cirurgião dentista**.

E empolgado por essa causamente obsessão, não progredia nos estudos e os seus livros permaneciam sempre fechados, o que lhe valiam tremendas descomposturas dos padres que o expunham assim ao ridiculo de todo o Seminario.

De nada serviram, porém, os doestos e mesmo os castigos corporaes que, por vezes, lhe infligiam.

Aquillo era querer torcer-lhe a vocação; haveria de ser dentista e nunca um reverendão...

Uma bella manhã (isso foi ahí pelo anno da proclamação da Republica) um dos seus parentes fez-lhe sentir que, sendo já um homem, era mister arranjar-se-lhe um emprego cujos vencimentos podessem de algum modo pôr a coberto as necessidades da familia que, no anno anterior, havia perdido o seu chefe. A substituição desse espiuloso encargo lhe competia por ser o filho mais velho.

Poucos mozes depois e quando menos se esperava, eis o nosso Pulcherio nomeado praticante de uma das nossas repartições de Fazenda, o *refugium peccatorum* dos malandros, como estupidamente e procurando fazer espirito, dissem aquelles que ahí não podem ter

Primavera

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

Redactores:

Appolinario de Carvalho, Mariano Chagas e Estolano Polary.

Publicação—aos Domingos.

Assinaturas:

Bi-mensaes (exclusivamente) 18000
 Numero do dia..... 100
 Numero anterior..... 300

Toda e qualquer correspondência para este hebdomadario deverá ser dirigida á gerencia do «Diario do Maranhão», á rua da Palma n. 6.

ingresso. Não se sabe, porém, se essa nomeação fôra effeito decorrente de alguma reforma no quadro do funcionalismo publico, ou consequencia das provas que exhibira em concurso a que, com outros, se submettera. O certo é, que o nosso homem lá estava na Alfandega, ora, ás voltas com o livro de Receita, ora, de emburlo com facturas e conhecimentos, á meza dos manifestos.

E assim, pois, o tempo passando, e o Pulchério sempre pontual no expediente da repartição, onde invariavelmente, ás 9 3/4 da manhã assignava o livro de presença, affasendo-se a essa vida burocratica e monotonica, e compenetrando-se dos seus deveres para com o Fisco, resolveu, depois de matutar bastante sobre a sua decidida vocação, que melhor seria alliar a theoria á pratica, isto é, tomar um professor para leccionar-lhe as materias que ainda faltavam para a sua admissão no curso odontologico, e assistir num gabinete dentario as extracções e obturações dos incisivos, caninos e molares.

Isto posto, falou para professor a um illustrado portuguez de nascimento, cujos merito e saber são incontestaveis em quase todos os ramos de conhecimentos humanos. Esse homem, que a todo o momento se achava sempre rodeado de intellectuaes, bachareis e advogados que iam beber as suas sabias lições, fez um dia, naquella entonação de voz que lhe é innato, esta pergunta ao Pulchério:

Que lição temos hoje?

—Poligónos e quadriláteros.

—Como?... disse aquelle dando uma palmadinha na perna e perdendo a compostura.

O auditorio que, nesse dia, era ali numeroso, explodiu numa formidavel e franca gargalhada, e o Pulchério todo escandalizado, enfiou, por não perceber o valor do seu destempero e o porquê daquella manifestação de hilaridade que fez passar pelo seu rosto as côres do arco-iris.

Esse espiche, todavia, não o tornou cabula; perseverou nas aulas, e á força de vontade ou não, o certo é que o nosso futuro dentista concluiu os preparatorios que lhe faltavam para levar a effeito o seu *desideratum*—mricular-se na Academia de Medicina.

Dizem que, em nenhum gabinete dentario, quiseram admittil-o como assistente, e, que assim barrado, praticava a prophese nos queixos do *pae lucas* de um barbeiro, seu amigo.

Espirituosa «blague!»

Continúa.

Dia aureo

Fez annos, a 1.º do audante, o nosso amigo, Tenente-Coronel Alfredo Nicoláu dos Santos, habil funcionario publico federal.

Festeja tambem o seu anniversario, a 12 deste mez, a exma. sra. d. Maria Theodora Dias do Carvalho.

Aos anniversariantes a «Primavera» sauda affectuosamente.

Gonçalves Dias, para honra nossa, jamais será esquecido pelo brioso povo maranhense e, a prova do que afirmamos, ali está na brilhante romaria realisada no dia 3 do corrente á marmorea estatua do dulçuroso Poeta dos Tymbiras.

Felizmente o povo em geral, especialmente a mocidade das escolas, tem sabido cumprir á risca o seu dever, rendendo um culto grandioso e bello á memoria gloriosa dos seus antepassados.

ESCRINIO DAS RIMAS

Magdalenas...

Ei, na estrada da vida, encontráreis um dia,
 E vos cobrir a face a pallidez do espanto,
 Uma das cortezas que o mundo repudia,
 Com a fronte nas mãos a inmundas de
 pranto,

Não a insulteis jámais, nem lhe mostreis a fria
 Indifferença atróz num riso que dóe tanto,
 Porquanto, essa mulher de lupanar e orgia,
 Tem da essencia de Deus um corpusculo santo!

Não procureis saber porquê o mundo a des-
 preza,
 Nem tampouco sondar si o coração sangrento,
 E—do amor e do vicio—o tenebroso *edre*...

Si não tem a alma igual a da virgem que réta,
 Tem contudo, talvez, todo o arrependimento
 Que tem toda e qualquer Magdalena que
sótre!

Oscar Guimarães.

Confidencia

...E muitos outros, como eu, Senhora,
 Que vades tristes no beiral da estrada,
 Loucos esperam, por ahí, a fóra,
 Os doces passos da mulher amada.

Houtem sorria, como vós outr'ora!
 Hoje descauto, nesta vil jornada...
 Co' as faces rubras eu espero agora
 Os doces passos da mulher amada.

Quero fallar-lhe desta magua infanda!
 Quero contar-lhe as milhas desventuras
 E esta saudade souto mais ainda.

Quero fallar-lhe destes meus martyrios,
 Desta amargura e de tão vis torturas,
 Destes ardentes e fataes delyrios!

Mariano Chagas.

Noite de inverno

A noite desce... O vasto firmamento,
 De nuadas brumosas se reveste...
 Vão as estrelas na amplidão celeste,
 Se envolvendo num crasso isolamento.

Cabe a chuva... arfam trevas num mo-
 mento...

Ha nos espaços um rumor agreste,
 Soluçã á campã, humilha-se o cypreste,
 Ao prepassar monótono do vento.

Assim meu coração atormentado,
 Ao fugirem-lhe os raios da alegria,
 Embrenha-se nas trevas da tristura!...

Geme, soluça extatico, gelado,
 E se envolve na horrenda noite fria,
 Do báratro cruel da desventura!

Em 13—8—1909.

Estolano Polary.

Minha Culpa

Eu, peccador, agora humildemente
A ti, Mulher, a ti unicamente
Me venho confessar,

Eu cumpri, caprichoso, os meus deveres,
Não me esquivi de estar entre as mulheres
E me acuso de amar.

Porque eu amo e idolatro essas mulheiras
Onde prendo os meus ads e minhas queixas
Se é grande o meu tormento!

E me acuso, Mulher, de ter prendido
Ao doce farfalhar do teu vestido,
Um dia, o pensamento.

Também amo, Mulher, o brando aroma
Que se desprende dessa negra ceima
Que tanto me seduz!

E me acuso, por fim, de delirante
Beber inspiração no teu semblante
E nos teus olhos luz.

(Das «Limas e Martellos».)

Artindo Martins.

EDITH

AO ESTOLANO POLARY.

*Amor... amor... só em ti
peço o meu bem.*

CANTO ALVES.

Esse amor que conservo no meu peito,
Com todo o fogo ardente de um vulcão,
É tão bom, é tão puro, é tão perfeito,
Que encho minha alma de consolação.

Tenhas fé nessas juras que te hei feito,
Sentindo que me estás no coração...
Assim me, dize, que o amor não tem defeito,
Quando é tido com zelo e devoção.

Que importa o odio atroz que alguém me
lança?...
Meu verso é tu, és tu —inha esperança,
E eu não posso passar sem que te sê!

Não temas do sofrer tocar a minha...
Mas de um dia cantar com teu poeta,
Lyrio branco de amor, formosa EDITH.

Appolinario de Carvalho.

Ainda o jogo

A jogatina no Maranhão, pôde-se considerar como uma verdadeira praga. Para a prova disto ali estão os botequins, e os predios alugados pelos empresarios dessa repellente distracção, que attestam o grão profundo do seu desenvolvimento. Não fallo de um divertimento commum, que recebe tambem o nome de jogo, como billar e outros do genero, e sim de um mal irremediavel — o jogo á dinheiro —, de onde os resultados obtidos sempre são funestos. Ao centro dessa jogatina desenfreada e maldita, já não allucem somente as pessoas de baixa estirpe, correm tambem milhões de conceituadas familias, cujos nomes, em attenção ao decoro publico e ao dissabor que possa causar nos seus paes, tenho pejo de registrar.

Estes, atridos no meio da horda infrene de saltadores publicos, além do papel abjecto que tambem representam, entregando-se a esse vicio vergonhoso e cruel, accumulam o deitado dever de gastar grande quantidade de bons charutos, cigarros, doces pastéis, com os exploradores da mesa, sem o menor vislumbre de pesar dos meios pecuniarios dos seus incansaveis paes.

São uns prodigios terriveis: vão dissipando occultamente o que os paes, com o coração cheio de esperanças e os olhos fitos na senda incerta do futuro, poupam e guardam para servir-lhes de refrigerio no dia de um desenlace fatal.

A estes cabem não grandes parcelas de censura, porque se os seus paes soubessem que elles se atiram ao jogo, certamente não deixari m do, e hmal os no cumprimento de deveres que, á bem da honra e da dignidade, devem observar.

Aos outros, verdadeiros fructos de uma arvore má — manda a justiça que não os deixe sobriannos, impassiveis, cynicamente trillhando com a bolsa recheiada de dinheiro dos inexperitos. Merecem o desprezo, o odio, a repugnancia por parte de todos quanto se prezam.

A sociedade maranhense deve, pela voz implacavel da imprensa e com as armas possantes da justiça, banir, com energia, essa lepra invasora que vag grassando de rua em rua, deve

embargar lhe os passos, dificultar-lhe a acção. Deve attender aos brados pungentes que partem dos lares onde já penetrou o perfil horrivel da necessidade. Não consentir nunca, que essa nojenta chaga se alastre, emporcalhando o seu seio; esse assombroso espectaculo do mal, esse vicio degradante e nocivo, em cujo espelho imundo as creanças de hoje podem mais tarde se mirar. O jogo é um roubo disfarçado; o homem que joga não pôde ser bom filho e nunca poderá ser bom pae.

Como aquelle, constitue-se um prodigo cruel do seu lar, e como este um assassino, um ladrão!

Arrancar de casa o dinheiro, o pão de um pequeno ser que só sabe chorar pela faltado necessario alimento, é um crime nefando!...

É preciso que a policia destrua do nosso meio essa caravana rebelde de ciganos modernos e esfaimados, que distituidos de escrupulos e do respeito que devem possuir perante a sociedade, abraçam escandalosamente esse repellente e desgraçado modo de viver.

Angelo di Luca.

Desligou-se do corpo relacional deste jornal, a 31 de outubro ultimo, por sua livre e espontanea vontade, nosso amigo José Maria de Jesus.

Bilhetes ao Interior

Meu cunhado Jorge Gomes,

Não pude contar-lhe pela
No jornalinho passado,
Pois circulou por Findado,
Toda de luto a gazeta.

Mas agora, seu cunhado,
Que já deixámos o luto,
Você vá ter um bilhete
Que nada tem de «cacet»,
Pois o tempo é diminuto.

Que diz você, affual,
Do frade que na Belua
Uma creanca estropou,
Fugindo empós, pois maldou
Salir-se mal na folia!

Isto é demais, Jorge Gomes,
Não podemos mais co' os padres...
E' tanta patifaria
Que fazem na sacristia,
Que até as proprias comadres...

Primavera

Quase me salta da penna
A manha dos taes malucos...
Si eu fosse Papa ordenava:
Ou todo padre casava,
Ou todos eram eunucos...

Mudando agora um pouquinho
A posição dos binoculos,
Vou lhe fallar um instante
Dum moço, typo elegante,
Do seu Newton caíza d'olucos.

Esse moço é despachante
D'Alfandega deste Estado,
E' bacharel em potóca,
Contador de muita «broca»,
No commercio é o mais fallado.

Já vou muito adiantado
Nestas noticietas; pois bem,
Vou por aqui terminar,
Deixando algumas p'ra dar
No domingo que ahí vem.

Antes, porém, seu cunhado,
De terminar esta *prédica*
Salvem você e a Dodó
Que aqui fundou o Glúco
A «Mutualidade Medica»

Bella faz parto o Guterres,
O Bazilio e o Lutz Serro...
São trez mil réis na entrada,
Depois dous mil réis por cada
Mez. Bons principios encerra.

Entre co' o povo, cunhado,
Para a tal Sociedade,
Que tem por fim socorrer
Quem qualquer couza soffrer
Dentro da fóra da... cidade.

Adeus; domingo que vem
Virei dar-lhe amollação...
Mas isso não aborreço,
Pois nem uma vez o esqueço
O bom cunhado

Romão.

Visitaram-nos:

Os ns. 447 e 448 do *Avante!*,
orgão evolucionista, que se pu-
blica nesta capital sob a direc-
ção do talentoso professor Al-
fredo Fernandes.

Trazem ambos bons artigos
editoriaes e bellos sonetos dos
inspirados poetas Fructuoso
Ferreira e Mendes Martins,
aquelle nosso conterraneo.

O 6.º numero d' *A Avenida*,
semanario litterario, que traz
bõa leitura.

Aos distinctos collegas os
nossos agradecimentos.

Recebemos e agradecemos o
numero 34 do «Norte Evange-
lico», organo presbyteriano, que
se publica em Garanhuns (Per-
nambuco).

Maranhão Typ. Frias.

Bastante concorrido esteve o
Campo Santo no dia 2 do cor-
rente, data da commemoração
dos mortos.

A missa, resada na respectiva
Capella, compareceu grande
numero de familias. Ao evange-
lho fallou o conego Carvillo Lu-
zo, que, numa feliz e commo-
vente allocução, explicou o mo-
tivo porque a igreja consagrou
esse dia aos fiéis defunctos,
para os quaes, disse, não se fa-
zia mister recomendar aos
seus parentes uma prece om-
nipro do seu eterno descanso.

Só uma cousa nos não agrada-
dou assistir naquello lugar que
só respeito impõe o tristozia ins-
pira; a maneira incorrecta, ri-
dicula e condemnavel por que
se portaram certos moços por
ocasião em que o sr. Estevam
Lobão proferiu algumas pala-
vras deante do tumulto do Dr.
Benedicto Pereira Leite; pe-
zando-nos declarar que os res-
ponsaveis por tal inconvenien-
cia praticada num dia e num
lugar tão improprios, são moços
de familia, que conhecem as
principaes regras de civilidade,
alguns até estudantes; moços
que, afinal de contas, são res-
ponsaveis pelo seus actos. Fo-
ram estes os autores do que nos
não agradou; não foram homens
da plebe, cachiaceiros profissio-
naes, ignorantões por natu-
reza...

E não se diga depois que fal-
lamos apaixonadamente; mas,
si paixão existe neste modo de
fallar, acreditem que é tão só-
mente por termos presenciado
irregularidades que em tempo
nenhum deviam partir desses
moços a que alludimos.

E' essa apenas a nossa pai-
ção, si paixão existe neste modo
de fallar.

ANNUNCIOS

Casa Ouvidor

DE

Khalil Lauand

Rua Grande, n. 50

Neste importante estabeleci-
mento de modas a rua Grande,
n. 50, encontram-se artigos do
mais apurado gosto, para ele-
gantes senhoritas; taes como:
litas Liberty de seda, de varia-
das cores, ditas de velludo de
seda e escossezas, rendas de
algodão brancas, largas e estre-
itas, de ponta e entre-meio, cam-
bráia «Victoria» branca, in-
festada.

Todos a

CASA OUVIDOR.

Rua Grande n. 50

O Brazil

Acaba de retirar d'alfandega grande sortimento
de mercadorias escolhidas especialmente
em Paris por um dos socios deste es-
tabelecimento, taes como sejam:

Chapeus enfeitados para senhoras (Capacetes)
Chaleiras e Toques, ultima novidade no genero.
Grande colleção de rendas «Valenciennes» e Irlandezas.
Crivos grossos e finos
Laizes com 1.º e 40 de largura.
Echarpes de seda e mantilhas de lá. Boas de pelle de castor.
Guarnições de atracadores com chapas e brilhantes.
Lençoes para senhoras e meninas.
Baldes de madreperola (fantazia novidade)
Bolsas com pingentes.
Grande colleção de gravatas para homens e senhoras.
Grande colleção de gravatas escossezas para meninos.
Lençoes de seda bordados.
Travessas enfiadas. Camizas brancas para senhoras.
Ceroulas brancas para homens.

Os preços são os mais reduzidos possiveis

◆ TODOS AO ◆

O BRAZIL

Rua Grande n. 31

Telephone n. 75

MARANHÃO



PRIMAVERA

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

ANNO I

Maranhão — Domingo 14 de Novembro de 1909

N.º 7



15 de Novembro

Vinte anos de Republica, vinte anos de Liberdade, vinte anos de Independencia.

15 de novembro de 1889 é a verdadeira data da nossa independencia absoluta. D. Pedro I, proclamando a separação do Brazil de Portugal, mudou não sómente; melhorou, talvez, a face do jugo que sofríamos; deixámos de ser dominados por uma nação, para o sermos por uma familia. E, embora com o velho *rei filosofo* tivéssemos fruído um grande numero de Garantias, houvéssimos gozado alguma liberdade, não tínhamos, entretanto, aquella que estava em contrapozição ao regime então vijente: a Republica. Porque a Republica é a cúpula de todas as Liberdades, o triunfo soberano e incontestavel dos direitos do povo sobre as incongruentes e avelhantadas primazias da nobreza, muitas vezes degenerada e ignobil.

A monarchia de 1822 foi um desvio da opinião brasileira. Forte, novo e, por isso mesmo, são, tendo desde então firmado a idéa do seu valor, o povo brasileiro, aspirou sempre á Liberdade, não a essa Liberdade do contrabando, carento frizório da Democracia, que nos oferecem as monarchias constitucionais, mas a Liberdade, na sua forma mais elevada, na sua ma-

nifestação mais pura. Auxiliado, ou antes, guiado pela ambição do rei glúrio, o nosso primeiro imperador, por uma nobreza bem feita, apoderou-se, com o brado de *Independencia ou morte*, da coroa brasileira, já vacillante aos embates democraticos. E por 67 anos a comédia de D. Pedro manteve-se intacta.

Mas a opinião nacional não se engana assim facilmente. Certificando-se dos manejos de D. Pedro I, pôz-se de novo em atividade e as revoluções que então surgiram, apesar do governo cordato e benevolo do 2.º imperador, dão mostra evidéssima de que a Republica fôra sempre a aspiração dos brasileiros.

E hoje que, absolutamente consolidada, ella nos apresenta os seus frutos, nos mostra praticamente as excellencias que lhe são inherentes, temos todos a satisfação injente de haver ella desde seus começos obedecido nos princípios sadios da paz e da concordia, implantada, como foi, sem um resquicio de sangue.

E nós a saudamos com toda a vibração de nossas almas democraticas.

O Pulcherio

(Continuação)

Decorreram-se annos. Realizando toda a sorte de economias, conseguiu, nesse lapso de tempo, fazer um pecúlio de 800 ou 900\$000 para accorrer ás primeiras despesas, como: preparativos de viagem, compra de fivros, o essencial enfim.

Obtivéra do Ministerio da Fazenda a licença requerida para o indefectivel tratamento de saúde onde lhe convier—e, sendo, como já era então, empregado de 2.ª entrancia, passaria mais desaffogadamente só com o ordenado, a menos que a gratificação não fosse *pro labore*.

E, assim apparelhado, além de algumas cartas de recommendação no fundo da mala, tomou passagem a bordo de um paquete do Lloyd, em rumo da Bahia, indo ali cavar o seu ambicionado diploma de cirurgião dentista, como os Argonautas foram a Colchos, conquistar o vello de ouro.

Chegado á capital bahiana, o nosso heróe foi viver para uma *republica*, em companhia de estudantes, seus patricios; e, durante alguns dias não foi assistir sequer a uma das aulas da Academia, nem teve a coragem de passar uma só vez, em frente desse grande e respeitavel edificio, porque, um indizível medo o assoberbara a tal ponto que, si não fosse a intervenção de seus collegas, arripiaria carreira, dando as de villa Diogo, em regresso aos patrios lares. Era o medo do classico e tradicional *strotes*, a que se expõem os *calouros* nos primeiros dias de vida academica, que o collocava em taes apuros.

Mas, a par de muita logica e talvez algum *emique*, conseguiram levar o Pulcherio á Escola de Medicina, onde foi alvo de uma ruidosa e tremenda *erecção* ou melhor *obcepção*.

Sabiam de apte-mão que o pobre rapaz era tímido como algumas mulheres em noite de nupcias e, isso foi o bastante para que a sua *«estrela»* fosse excepcional, *sui generis*, e tomasse as proporções de um acontecimento, nos annos academicos.

Como tudo lhe era accommodado, estava já affeito ao ramerrão das aulas, ouvindo, porém, sem proveito algum as prelecções que o professor ati-

Primavera

Primavera

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

Redactores:

Appolinario de Carvalho, Mariano Chagas e Estolano Polary.

Publicação—aos Domingos.

Assignaturas

Bi-mensaes (exclusivamente) 1\$000
Numero do dia..... 100
Numero anterior..... 200

Toda e qualquer correspondencia para este hebdomadario deverá ser dirigida á gerencia do «Diário do Maranhão», á rua da Palma n. 6.

rava *ex-cathedra* numa eclosão de palavras technicas e arrevezadas.

O fim do anno estava batendo á porta trazendo a epocha dos exames pela mão.

Por esse tempo, recebera, como sempre recebia, da terra natal, de uns parentes que viviam no interior, um caixote contendo grande quantidade de queijos em latas, doce de leite e goiabada e outras guloseimas que chegariam para duas pessoas comerem durante uns quinze dias.

Ora, o Pulcherio que desde creança timbrava por ser de uma avarozza sordidamente franciscana, tinha por habito guardar a sete chaves essas guloseimas e comel-as sosinho, diariamente, trancado no seu quarto.

Desta vez, contudo, os seus collegas de *republica*, previamente combinados, pregaram-lhe um formidavel conto de vigario.

Era um domingo.

Todos nesse dia levantaram-se cedo á excepção do Pulcherio que embora acordado permanencia entre valle de lençóis.

De repente sentiu um grande estremeção na porta do quarto.

—Quem é? perguntou.

—E' o Cesar, abre depressa. A porta foi immediatamente aberta, e o Cesar, um rapaz franzino e arruivado que exercia muita ascendencia no animo do Pulcherio, entrou no quarto deste.

—Venho dizer-te que daqui ha pouco seremos honrados com a visita de um cathedratico da nossa Faculdade—o dr. Bento de Oliveira—que apesar de muito moço ainda, já é mestre e gosa de muita estima por parte dos estudantes, aos quaes trata de collegas.

Não o conheço, respondeu o Pulcherio.

—Isto não é razão para que te deixes de arrolar no numero dos seus amigos e admiradores, maximé agora que tens de ser por elle examinado em uma das cadeiras do 1.º anno do curso.

O Pulcherio exultou. Era de bom aviso seguir o conselho do Cesar, pois assim procedendo nada tinha a perder.

(Continua).

Por falta de espaço deixam de sair hoje os — **Bilhetes ao Interior** do nosso collaborador **Romão**; o que faremos no numero vindouro.

Dos Srs. João Victal de Mattos & Irmãos, pharmaceuticos, nesta capital, recebemos cinco exemplares do seu *Almanack Maranhense* para o proximo anno de 1910. Traz boas anedoctas, versos, e muitos reclusos de seus preparados chimicos. A impressão é nitida e agrada sobretudo a feitura material.

O mesmo *Almanack* misere um escripto de A. C., sob o titulo—**Nosso parentesco com o macaco**— que prova de todo o ponto sermos descendentes do antropoide. Brevemente transcreveremos o citado escripto.

Aos illustres pharmaceuticos Victal de Mattos & Irmãos agradecemos a gentileza da oferta.

ESCRINIO DAS RIMAS

SONETO

Nunca! Nunca pensei, senhora minha, nunca,
Que o vosso grande amor causasse tanta ma-
gua!
Grande parvo que fui! Fugisse á garra
adunca
Dessa paixão voraz que inda lembrando af-
fago-a...

De auargas illusões o meu viver se junca...
Oazo fallar, como: «Andei de fragua em
fragua...»

Mas, um odio profundo as minhas phrases
trunca
E tenho como sempre os olhos raios d'agua!

A febre da vingança escalda-me a cabeça
E sinto enlouquecer, mas, antes que enlouqueça,
Quero cumprir, na risca, esta sentença louca:

Ou, eu succumbirei nessa tremenda luta,
Ou, hei de haurir, senhora, o caliz de cieuta
Do beijo que transuda e estala em vossa bôc-
ca!

Oscar Guimarães.

Nazareth

Essa vonusta Nazareth das flores,
Tocadora de flautas e violino,
Que sempre traz nos labios tentadores
Um sorriso de amor, terno e divino:

Essa que tem na voz suave trino
E tem no olhar os rutilos fulgôres
Do sol quando se ostenta, loiro, a pino,
Em pleno Meio-dia de esplendôres:

Essa que tem do trevo o grato aroma,
A candidez do lyrio immaculado
E que, sorrindo, na janella assoma:

Tem me causado muitos pesadellos,
Pois traz meu coração acotrentado
Nos sedosos anneis de seus cabellos.

Americo Cesar.

Vizão de louco

Na acromave do sonho en venço rindo
Distancias collossaes por mais sonhadas
E vou pelas estrellas apogadas
Vel-as de-perto junto a toia luzindo.

E subo e subo e o grande azul scindindo
Desperto com tremendas gargalhadas
As estrellas que dormem socogadas
E os grandes mundos que inda estão dormindo.

E subo mais, e vou pelo Infinito
Eterno caminheiro, ouzado, invisto.
Transpando as regioes dos Sete Céus.

E volto e desço e quando á Terra chego,
Sinto que tenho muito mais apêgo.
Ao grande Artista que se chama Deus!

Arturdo Martins.

Eva

Adão, ao véi-a nua, illuminada
Pelo ceeste olhar omnipotente,
Sorriu, tremeu, chorou e humilde-
mente

Beijou a fronte á loura desposada.

Eva, entreabrindo a palpebra ado-
rada
Ao seu sublime espóso ternamente
Estende a bôcca, pallida, tremente
Como a açucena aos lumes da alvo-
rada

Resam depois as folhas da Eseri-
ptura,
Que Eva peccou, e o Archango vin-
gador

Expulso-os da Edenica planura.

Salve, oh! sublime filha do Senhor,
Tu que inventaste o extase, a ter-
nura

E os crimes todos do primeiro amor!

Luiz Guimarães.

O Morphético

No tetrico aposento da miseria,
Eil-o exposto ao mais fero sofrimento,
Com tropeços brutos em cada arteria,
Que lhe cortam do sangue o movi-
mento.

Rôe-lhe o corpo uma chaga deletéria;
Fervilham mil vultoes no pensamen-
to;
Cabem-lhe as carnes, torna-se a ma-
teria
Num suor gotejante e purulento!

Depois a corrupção, n'um grão pro-
fundo,
O prostra nos paes do leito immundo,
Onde os grupos de vermes vão su-
bindo!

E alli, tristonho e magro e solitário,
Cumprindo a lei do mísero fadário,
Surge-lhe a morte indômita sorrindo!

Estolano Potary.

Etelvina

Essa carne abundante que te illude
É a falsa rosa de sóa nobreza,
Não respeita os preceitos da virtude
Nem é rica entre as ricas de belleza...

Sabe, afinal, mulher, que jamais pode
Cantar o que te deu a natureza,
Pois teu corpo imperfecto e seia saúde
Não me pode inspirar... tenho certeza.

Sabe mais que o teu ser, que impafia encerra,
Ha de tornar-se um dia em pestilencia
No seio escuro da profunda teza!

E serás pelos vermes profanada,
Já que passaste os dias da existencia
Cheia de orgulho sem ter sido nada!

Appolinario de Carvalho.

Carta aberta

Illmos. Srs. Redactores da PRIMA-
VERA:

Só hoje me foi possível refutar a
parte, que me é relativa, do artigo sob
a epigraphie—**O Jogo no Mara-
nhão**, publicado na 3.ª edição do
vosso conceituado jornal.

Nesse topico do vosso artigo dizeis
o seguinte: «Ainda ha pouco os jor-
naes diziam no seu noticiario que uma
moça morrera de susto, pelo facto de
ter entrado, inesperadamente, pelos
fundos de sua casa, um individuo qual-
quer, que depois se justificou, etc. Pode
ser que a justificativa fosse feita com
sinceridade, attenta a circumstancia
que o levou a isso: uma fuga para li-
vrar-se da policia, ou causa equivalen-
te. Mas é tambem possível que a justi-
fativa do *mano* fosse um meio de sal-
vação, isto é, que elle seja um desses
dilettantes do jogo, cujo effeito triste
e deploravel o levasse a visitar a pro-
priedade alheia».

Convém, srs. redactores, destacar a
má impressão que tomastes da minha
invasão na casa a que alludis, pois, si
assim o fiz, foi levado pela persiguição
da policia que, sem motivos justos, me
procurava prender. Tive, infelizmente,
de assistir a uma scena inesperada,
imprevista mesmo, porque, levado pelo
medo de uma prisão irregular, na occa-
sião em que tentei evadir-me, não me-
ditei nesse nem em outro mal, que por-
ventura a minha appareição numa casa
desconhecida pudesse causar. Princi-
palmente em se tratando de casa de
familia onde muitas vezes ha moças do-
masiado medrosas e, o que é melhor,
cardiacas, que, ao receberem um susto
de tal ordem, succumbem violentamen-
te a uma syncope.

Essa é que é a verdade.
Senti, profundamente, sinto ainda,
e hei de sentir por muito tempo, o
triste desenlace. Mas, não foi quem
matou a indolosa moça, nem por meu
gosto se daria semelhante infelicidade,
visto como não tenho o espirito incli-
nado ao mal nem o meu coração se
comprez com as desventuras alheias.
Foi tambem uma desventura que se
acercou de mim. E nem sequer me
passou pela mente semelhante fatalida-
de. Que se eu a advinhasse, ou, melhor,
a previsse, preferiria seguir, injusta-
mente embora, á frente das praças ca-
minho da cadeia ou do Quartel de S.
João, do que causar tão grande desgosto
a mim e aos parentes da infeliz se-
nhora, ficando, enfim, tido como um
criminoso, um scelerado, um bandido,
envergonhando aos meus e soffrendo
vergonhas.

Mas... que fazer? Que allivio dar
aos meus e aos soffrimentos alheios?...

Resta-me apenas pedir á familia da
pobre senhora que me desculpe e me
não tenha como o autor da morte da
sua parenta: ao publico que me não
lance olhares maledicos nem me incul-
que de criminoso, pois não o fui nem
o sou.

E, si crime houve, faz-se mistér ex-

plical-o. Como sabeis, srs. redactores,
e como sabem todos os que me leem,
ha causas que provém de outras cau-
sas, e a causa da morte dessa moça não
proveio da minha culpabilidade, isto é,
não quer dizer que eu tivesse penetra-
do ali para praticar este ou aquelle
mal, a não ser o simples facto de me
foragir da policia; a causa da morte já
proveio do susto que ella tomou em
me vendo penetrar os fundos da sua
casa, tão bruscamente como o fiz.

E a causa deste susto não quer dizer
que eu tivesse procurado praticar este
ou aquelle crime, porém que a moça
soffria, incontestavelmente, do coração,
cuja molestia já ia bem augmentada e,
por isso mesmo, foi accommettida de
uma syncope quando inesperadamente
pulei no quintal da casa em que ella
morava, attm de me esconder da po-
licia.

Eis, portanto, srs. redactores, o
que me levou a invadir, como um louco,
a propriedade alheia; não foi o triste
effeito do jogo, pois, graças a Deus,
não tenho o vicio de jogador.

De V. V. S. S.

Grd.º att.º

Palmerio Oliveira.

Tem razão o Sr. Palmerio Oliveira,
em tudo o que vem de allegar. Reco-
nhecemos, perfeitamente, a sua incul-
pabilidade na morte da moça que mo-
rava na casa onde se foi esconder da
policia. Achamos mesmo que a sua
defesa é tão simples e é tão clara,
que nos dispensamos de mais argu-
mentos. Mas o que convém declarar
ao Sr. Palmerio é que não o chama-
mos jogador nem asseguramos fosse
o jogo, isto é, a falta de dinheiro para
o jogo, que o levasse a invadir a casa
alheia, para roubar.

Fallavamos sobre o jogo no artigo
editorial da «Primavera» de 17 de
outubro ultimo; verberavamos a ma-
neira escandalosa por que jogam pre-
sentemente no Maranhão, e, como se
houvesse dado o caso a que se refere
o missivista, o aproveitamos para o
nosso artigo; tanto que assim nos ex-
pressamos:—*Mas é tambem possível
que a justificativa do mano fosse um
meio de salvação, isto é, que elle seja
um desses dilettantes do jogo, cujo
effeito triste e deploravel o levasse a
visitar a propriedade alheia.*

Não o chamamos, portanto, gatuno,
jogador, etc., como lhe pareceu. Po-
demos até affirmar, pois já o conhe-
mos, que é um rapaz de boa conduta,
vive honestamente do seu trabalho, e
que, por uma dessas infelicidades que
ninguém pode prever para obstar, foi
levado a invadir uma casa que lhe
era estranha.

Ahi fica tambem desfeito a má im-
pressão que o sr. Palmerio tomou das
nossas palavras.

ANNUNCIOS

Casa Ouvidor

DE

Khalil Lamand

Rua Grande, n. 50

Neste importante estabelecimento de modas á rua Grande, n. 50, encontram-se artigos do mais apurado gosto, para elegantes senhoritas; taes como: fitas Liberty de seda de varias cores, ditas de velludo de seda e escosozas, rendas de algodão brancas, largas e estreitas, de ponta e entre-meio, cambráia «Victoria» branca, infestada.

Todos á

CASA OUVIDOR,

3— Rua Grande n. 50

O Brazil

Acaba de retirar d'alfandega grande sortimento de mercadorias escolhidas especialmente em Paris por um dos socios deste estabelecimento, taes como sejam:

Chapeus enfeitados para senhoras (Capacetes)

Chaleiras e Toques, ultima novidade no genero.

Grande colleção de rendas «Valenciennes» e Irlandezas.

Crivos grossos e finos.

Laizes com 1.^{ma} e 40 de largura.

Echarpes de seda e mantilhas de lã. Boas de pelo de castor.

Guarnições de atracadores com chapas e brilhantes.

Leques para senhoras e meninas.

Botões de madreperola (fantazia novidade).

Bolsas com pingentes.

Grande colleção de gravatas para homens e senhoras.

Grande colleção de gravatas escosozas para meninos.

Lenços de seda bordados.

Travessas enfiadas. Camizas brancas para senhoras.

Ceroulas brancas para homens.

Os preços são os mais reduzidos possiveis.

3) TODOS AO

O BRAZIL

Rua Grande n. 31 -- Telephone n. 75

◀ MARANHÃO ▶

Maranhão—Typ. Frias—1286

ALTO! ESCUTEM LA'!

TABACARIA PARIS

Uma das primeiras do Norte do Brasil, modestamente montada no predio á rua Grande n. 17, uma das principaes ruas deste Estado.

Importadora directa de charutos e fumos dos melhores fabricantes, como abaixo verão os consumidores.

Charutos «Poock» & Comp.

SECÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

Commerciaes, Caçador, Cecy, Apurynan, e Amazonia.

SECÇÃO DA BAHIA

Superfinos, Marrocos, Mercedes, Dernier-eri, Boers, Cascadura, Redemptores, Carlos Gomes, Diana, Picolo, Floripes, Estimados, Bahianos e Maxixe.

CHARUTOS DANNEMANN & COMP.

Sem Par, Bouquets, Boccacio, Cometa, Bella Cubana, Sem Rival, Prima Lucia, Margarida, Sol, Mecca, Lisongeiros, Perlitos, Marietta, Turf Club, Risonhos, Joannita, Wanda, Dera, Billa, Artistas, Cecilia, Adda, Meluzina, Borboleta e Paris, (marca registrada da Tabaria Paris).

CHARUTOS «STENDER» & COMP.

Fleixa da Bahia, Fru-fru, A Fama, Cosmos, Central, Lola, Elegantes, Originacs ns. 6, 15 e 60, Priscas, Mexicanos, Perolas, Bella Bahiana, Leão e Novidade.

CHARUTOS HOENING & COMP.

Bouquet de habana, Verdadeiro habana, Regalia de salão, Conchita habana, Teotonia, Odozoros, Regalia da Bretania, Damas e Carvalhinho.

CHARUTOS COSTA FERREIRA & PENNA

D. Carlos, Predilectos, Naudy, Beijos, Lourinha, Gran-via, Cornelia, Triumfantes, Sympathia, Mignons e Cigarros mimosos.

CHARUTOS FRANCISCO VIEIRA DE MELLO

Lucy, Nivea e Nippons.

Cigarros do nosso fabrico—: com especial fumo marca «VEADO» das seguintes marcas: Perolas, Victoria, Commerciaes, Concha, de fumo Caporal, Cyclistas, Perlitos, Paz e Amor, em fumos Goyanos Barbacena, Rio Novo e Turco.

FUMOS em deliciaes caixinhas de 200 grammas: Caporal Goyano, Barbacena, Rio Novo, Higienico e Turco.

FUMOS DESFIADOS Á VAREJO:

Caporal fino e entre fino, Goyano, Barbacena, Rio Novo, Higienico, Turco, Virginia, Louro Lubeck e Feiner.

E muitos outros artigos como sejam: Bolças, bouquillas, caymbos, papel em livros, de todos os fabricantes, proprio para os fumantes.

Independente desses, encontram-se tambem muitissimos artigos de luxo, para homens, taes como: chapéos, bengalas, meias, collarinhos, punhos, gravatas, camisas, perfumarias, uniformes completos para os socios do TIRO MARHENSE, e tudo quanto de melhor se desejar possa.

F. Carvalho & Comp.,

☒ Telefone n. 232 -- Rua Grande n. 17 ☒
MARANHÃO

PRIMAVERA

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

ANNO I

Maranhão — Domingo 21 de Novembro de 1909

N.º 8

O pedantismo Hodierno

Já tocou à méta do exagero, da indecência e da ignorancia, o *smartismo* doentio e piégas do povo deste bem amado pedaço de terra brasileira...

Moços e meninas, velhos e rapazes, pretos e brancos, tudo, enfim, quando se não apresenta com um bom fato de casimira, variando quotidianamente este, embora os alfaiates fiquem a chorar o seu trabalho; quando se não apresenta de palitots *rachados*, cartolinas *art-nouveaux*, ou chapéus *schaleirass*, botinas feitas na forma americana, não está correcto, não é um rapaz da **élite da Sociedade** e, por conseguinte, não deve merecer do povo a menor importância. E, por assim dizermos, um cachorro, ou, diremos melhor, peor que um cachorro...

Si voltarmos as nossas vistas para as moças e dellas nos occuparmos, então o leitor terá o ensejo de apreciar para quanto é capaz, e a que ponto leva um pobre de espirito, a febre da ignorancia, que, á semelhança da typhoide, váe contaminando á maioria dos moços e moças desta velha Athenas Brasileira, que chora, lamenta mesmo, profundamente, vel-os assim perdidos, porque, ao invés de se entregarem a leitura dos bons livros, em vez de procurarem ouvir as conferencias, os bons oradores, lor os poetas mais admiráveis, de incontestável talento, e, de envolta com tudo isto, recolherem-se a uma modestia extraordinariamente grande, vivendo decentes, conforme suas posses, mas sem exagero, sem pedantismo fôfo e reles, que, longe de lhes dar um *chió*, uma graça, os torna mais horrendos que o espectro apavorante da estupidez e da boçalidade; desprezam os livros, fogem da leitura dos bons poetas, não ouvem nem procuram ouvir as conferencias que se fazem nesta terra, não leem os jornais litterarios, fugindo de tudo isto como si, porventura, fugissem do **cholera morbus**.

Dão-nos imensamente declarar que as nossas patricias, na sua maioria, longe de conceitarem para o *smartismo* da classe a que pertencem — o bello sexo, concorrem para o seu desequilíbrio e sua desmoralisação, visto como, si, imitando Diogenes, accendermos uma lanterna ao meio dia em ponto, e sahirmos á procura de uma moça intellectual, entre essas muitas da maioria a que alludimos, força é confessar, não encontraremos uma!

De forma que, aqui, no Maranhão, vê-se uma menina bem vestida, no requinte da moda, muitas vezes estúpida e immoral, mostrando todas as formas, cheia de um orgulho soez, arrotando uma vaidade chata, no *de-gagé* de uma *elegância* acanhada, como bem disse o Oscar Guimarães, que não passa de um simples manequim... E... é só... *mais nada*... A maioria do bello sexo é, apenas, exclusivamente, isto: phantasia, vaidade, penteado á semelhança de uma rodilha de vendeira de peixe frito, corpos transformados, sellados pelos taes Zitas, dando assim apparencias de um dromedario; meia dúzia de palavras *diffíceis*, para o gosto dos sábios, etiquetas e... está ahí o bello sexo! Inteligencia, sabedoria, leitura pratica... nada! E, conseguintemente, como diz o povo, *uma posta de carne com dois olhos* e, accreditamos nos, coberta de phantasia, sem limite e adornada de ignorancia.

Esta ahí a razão de já ter alguém dito que neste Maranhão se vê muita ignorancia de gravata... E não é sómente de gravata, vê-se também a ignorancia trajando fracos, casacos, luvas, chapé, seda, zitas, o diabo, enfim!

Os *smartas* da nossa bella Athenas, na sua quase totalidade, são mais burros que *uma porte de haenry pintada de preto*. Como as gentis *se-nhoritas*, phantasiam-se, vestem um *sobretudo*, cascam um pello no *cocoruto*, enfiam luvas, frisam os bigodes, pespegam um *pinço-voz* no nariz feio e chato, uma *dôr na boutonniere*, trepam no queixo um *lavana* e, caminho dos bailes, dos hotequins, dos theatros, lá váe o pessoal da elite da So-

ciidade. Ou, reunindo os dois sexos, aqui está desenhada, na frente do leitor, com as tintas mais vivas da verdade, a **flor da Sociedade**.

E assim, nas condições acima expostas, vêem-se por ahí individuos que, por simples *afilhadagem* e *proteção* escandalosa, exerceem cargos elevados, desempenham altas funções, sem, para cumulo de todos os *vergonhas*, saber qual é a letra com que devem soletrar o proprio nome!!! Enquanto, aqui por fóra, rapazes inteligentes, habilitados, estudiosos, *roem* um miseravel *osso* que lhes não é sufficiente para a manutenção da familia, quando não estão enchendo as ruas de pernas...

Infelizmente, nesta terra desventurada, a intelligencia não é bastante para recomendar o individuo bem e *arrrojar-lhe* collocação. Aqui só se trata de *smartismo* fôfo e barato, de riquezas, vaidade & companhia, como si, porventura, não fosse a intelligencia um thesouro que nem todos podem possuir, embora lhes sobreje a vontade, *creasça* a inveja e, por isso mesmo, nasce o despeito!

Nós, aqui por essa, somos pobres, pauperrimos, mas não trocamos a nossa pobreza, sublime no seu todo e grande na sua forma, por esse pedantismo ignobil da maior parte do povo maranhense, porque o ouro pode um dia *mariar* o brilho e o pedantismo se *afogar* na lama...

A intelligencia, não, váe comnoco á sepultura.

15 de Novembro

Não passou, felizmente, envolta no silencio pesado do esquecimento a data da proclamação da Republica Brasileira, pois assim entenderam os militares, que, á 1 hora da tarde desse dia, formaram em grande parada tendo nella tomado parte os Aprendizes Marinheiros, a Sociedade do Tiro Maranhense e os Voluntarios Especiales.

Primavera

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

Reductores:

Appolinario de Carvalho, Mariano Chagas e Estolano Polary.

Publicação—aos Domingos.

Assignaturas

Bi-mensaes (exclusivamente) 1\$000
 Numero do dia..... 100
 Numero anterior..... 200

Toda e qualquer correspondencia para este hebdomadario devera ser dirigida a gerencia do «Diario do Maranhão», à rua da Palma n. 6.

Depois de recolhida e dispersada a força, o Sr. Coronel Ramalho, auxiliado pelos Capitão do Porto e Coronel Governador, deste Estado, fez entrega das cadernetas aos Voluntarios Espectaes; fallando nessa occasião o mesmo Coronel Ramalho, Coronel Governador e Capitão Comandante do Corpo de bombeiros.

A noite foi illuminada a fachada do Quartel e em frente a este fez retreta a banda de musica do 48.º de Caçadores.

Não houve, entretanto, a festa interna que nos demais annos tem feito no Quartel Federal, tornando-se, por isso mesmo, menos deslumbrante a commemoração á data Republicana.

O commercio, attendendo ao pedido que lhe foi feito, suspendeu os seus trabalhos ás 12 horas do dia e, como de costume, não funcionaram as repartições publicas federaes e estaduais.

Os garotos de gravata

Ultimamente, para infelicidade desta terra abençoada, tem se desenvolvido em grande escala a garotagem no Maranhão. Em todas as ruas, em todas as esquinas, encontra-se a qualquer hora do dia ou da noite, um garoto.

Não fallamos do garoto que anda descalço, pinchiando barrocas e jogando piões, mas do garoto engravatado, de flor na *boutonniere* e de collarinho *art nouveau*. Esses são os mais temiveis. A noite, quando a lua vae alta e as estrellas cintillam no firmamento claro, a garotagem se põe em campo, armada de instrumentos dulcerosos, cantando «sonatas» de eterno amor em frente ás janellas verdes de suas lindas dormineas. E não ha quem possa dormir.

O garoto apaixonado solta aos

quatro ventos a nenia anargurada de um amor que se foi; outro, febricitante, canta freneticamente um hymno á formosura da doce amada. E é um berreiro constante... um constante delirar...

E os trovadores nocturnos os garotos modernos, como já disse um jornalista de pulso, percorrem as ruas da cidade, cantando modinhas de auctores desconhecidos e, muitas das vezes, sem o menor respeito á moralidade, saltando em todas as esquinas as mais indecorosas e acanhadas canções.

O desrespeito á familia tem crescido ultimamente de uma forma extraordinaria.

Ainda hontem á noite, passeando em uma das nossas avenidas, vimos uma scena que muito e muitissimo nos desagradou: um garoto engravatado dirigia pilherias a uma metritz e esta, em represalia, completamente esquecida da moral, ou, melhor ainda, talvez julgando que estivesse no cortiço ou em uma cidade deserta, disse ao garoto o que Mafona não disse do boucinho.

Entetanto, não se envergonham destas e de outras scenas peores muitos rapazes de familia, que dão provas, as mais inconcussas, de não ter recebido um dedo de educação na casa de seus paes.

Si, porém, a policia da nossa terra se der ao trabalho de percorrer as ruas desta cidade, principalmente nas noites de sabbado, verá o quanto nos sobra de razão para assim fallarmos. O Sr. Dr. Chefe de Policia, que tem garantido ás familias o respeito que lhes é devido, não deve poupar esforços no sentido de exterminar essa caterva de **D. Juans** devassos, que, de violão em punho, tendo já os vapores alcoholicos em alta pressão nas regiões cerebraes, chefiando, ás vezes, um turbilhão de prostitutas nauseabundas, não trepidam em praticar as mais repellentes obscenidades.

Causa-nos extraordinaria repulsa encarar essa malta de desbriados que infecta o nosso pobre Maranhão; mas, infelizmente, somos forçados, algumas vezes, a lital-os de perto, quando transitamos por qualquer rua ou praça, a passeio ou mesmo a serviço.

A garotagem deve desaparecer por completo. E para isto é mister que uma unica força intervenha: a policia. Porque, estamos convencidos, si o força policial tomar a hombros o encargo que lhe aconselliamos, essa onda implacavel de canalicoratas e sendeiros desaparecerá *per omnia secula seculorum*.

Assim seja.

ESCRINIO DAS RIMAS

A Avenida

—«Eu fui fazer a Avenida»—

Quem é que não tem ouvido, da boca mais casta e bella, esta phrase tão singela, do mais ingenuo sentido? Desde a criança innocente, que apenas brinca, travessa, até o velho tremente, com alvas cans na cabeça, todos procuram com ancia, nas horas da fresca briza, que apenas brinca, travessa, que pelas flores desliza.

Que vem a ser Avenida? É uma rua, uma estrada por todos appetecida, de bellos jardins ornada, p'ra refrigerio da vida, onde o perfume das flores, que ali se ostentam mitmosas, é testimunha das prosas de descarados namoros. Ali se gosa a frescura das aguas dos chafarizes, por entre a linda verdura de variados matizes; ouve-se a voz meliga e pura dos namorados felizes, que ás vezes vem de mistura com o riso das metrizes.

É quem na onda se envolve d'aquelle mar de paixões, sente creus impressões, vendo que assim se resolve todo o problema da vida, libando o prazer que passa na grande arteria da praça, que o povo chama—Avenida.

É bella a vista que ostenta aquelle quadro expressivo do sentimento mais vivo, que a nossa alma alimenta. Quem ali vae distrahir-se e o movimento observa, não pôde deixar de rir-se, ao ver que aquella caterva, composta de tantas gentes, não anda lá só por gosto, porém com fins differentes, tendo uma mas'ra no rosto.

Se aceno passa sísudo um velho bastante idoso, indifferente p'ra tudo, com passo já vagaroso, cuidado, qu'elle é manhoso anda affectando velhice, com ar de bom cavalheiro, mas só dá-lhe a cadaquice para tornar-se gaitero; e n'esta afanosa lida, se alguém lhe acusa a tolice, responde com beatice: — eu fui fazer a Avenida. —

A moça elegante e bella,
que ás vezes ali passella
e pelos grupos voltella
seu meigo olhar de donzella,
muito enfiado com ella
aquelle olhar não é certo,
de longe é mel e doçura,
mas quando chega se perto,
muda o mel em rapadura,
pois que na face mimosa,
onde mora a formosura,
vê-se a tinta cor de rosa,
com pó de arroz em mistura,
e se acaso leva um beijo
do mais audaz namorado,
mata o patife o desejo,
mas fica todo borrado;
e ella muito vexada,
sentindo a face offendida,
se a mão lhe ralha zangada,
responde toda flogida:
—foi uma Imagem encarnada
qu'eu beijei lá n' Avenida!

Alli vão muitos sujeitos,
trajando ao rigor da moda,
mettidos na grande roda,
onde têm certos direitos;
andam com as moças de braço,
dizem pesadas pilherias,
não tratam de cousas serias,
mostrando desembaraço;
soltam risada estridente,
fazendo feios esgarces;
contam anedocta indecente,
que ouviram nos lupanares;
querem passar entre as bellas
por grandes conquistadores,
porém, são tidos por ellas
por simples empatahores!...

Soffrem desfeitas sem conta
de muitas moças sisudas,
e nunca o brio desponta
nas próprias carnas barbudas.
Depois nas lojas, nas ruas,
o typo fala em conquista,
que já teve uma entrevista
e prometteram mais dias;
que a joven dona Fulana
jurou pra sempre adorá-lo,
que quando vê seu cavallo
até com elle se engana!

E para ter esta fama,
com torpeza adquirida,
mette-se a gente na lama,
se vai fazer a Avenida.

Mesmo senhoras casadas,
da mais fina educação,
ás vezes são assaltadas
por terrível tentação;
allí o ar entontecido,
no meio d'aquella troça,
o corpo todo estremece
se pelos hombros lhes roça.
D'ahi resulta a loucura,
o frenesi das paixões,
vem o calor dos vulcões
erguer a temperatura;
rasga-se o véo da candura
n'um desgraçado momento,
ao toque vil e nojento
do sopro d'um cara-dura!

EUCLYDES FARIA.

(Das «Brizas da Amazonia»).

Continua.

Nosso parentesco com o macaco

No estado actual de nossos conhecimentos, é imperdoavel supor o homem um ente privilegiado, saído das mãos de um creador, já perfeito e acabado, como a Minerva da fabula saindo da cabeça de Jupiter.

Os naturalistas em assiduas e perseverantes pesquisas fizeram baquear a velha teoria antropista, que fazia do homem o centro da criação, supondo Deus um habil engenheiro que fez o mundo artisticamente, para governal-o como um bom politico, e depois, para coroar sua obra nos fez a «sua imagem e semelhança», forran o nos de uma alma imortal para, como o melhor dos medicos, nos salvar do antiquilamento.

A terra que habitamos deixou de ser considerada o ponto do espaço em torno do qual giram todos os astros, — o sol para nos dar a luz do dia, e os demais a-tros, formando bellos candelabros suspensos no firmamento, para nos iluminar durante as noites. Uma verdadeira orgia de luz, como si fusessemos lalhados para viver no meio de festas.

Não Nada disto esteve nos planos da natureza — o Deus, como quizerem chamar.

O nosso globo é um astro insignificante ante, uma parcela minima da antiga nebulosa, cujo centro é hoje o sol; de onde se desprenderam grandes blocos que constituiram os planetas, em cujo numero figura a terra; e dos quais outras partes se deslocaram para constituir satelites, como a nossa lua. E as inriades de estrelas, que cintilam no azul da imensidade, são outros tantos sois, que arrastam em sua trajectoria, outros multos planetas e satelites.

Seríamos grandes demais si tudo isto fosse de antemão preparado para nos inundar de alegria. Só teríamos de nos queixar do artista creador por não nos permittir allear ou baixar as nossas lampadas e estes, como fazemos com os que iluminam as nossas salas de festa.

A nossa grandeza, porém, está no fato de representarmos o elo mais perfeito na cadeia zoologica, na serie dos animaes que povoam a terra. No seio desta, vasto para nossa pequenez e pequeno demais em relação aos mundos, que contemplamos de sua superficie, todos os seres tiveram origem identica.

A multiplicidade de formas é o resultante da evolução atravez de periodos tão longos que a nossa imaginação mal pôde conceber.

Os seres menos perfeitos são

aquelles que mais se aproximam do tipo primitivo, de onde começaram a irradiar todas as formas; e os mais perfeitos, os de maior complexidade de orgãos e funções, taes como o homem e seu proximo parente na ordem animal, — o macaco.

O parentesco destes dois seres não padece hoje a menor duvida perante os naturalistas.

Pelos estudos de anatomia comparada chegou-se á conclusão de que o homem está muito mais proximo do macaco superior ou antropoide, do que este do macaco inferior, tal como o símio das duas Americas.

A nossa conformação organica, em seus traços essenciaes, é absolutamente identica á do antropoide. São os mesmos 200 ossos, diz o sabio Ernesto Haeckel, dispostos na mesma ordem e associados da mesma maneira, que compoem nosso esqueleto interno; os mesmos 300 musculos prezidem os nossos movimentos; os mesmos pelos cobrem nossa pele; os mesmos grupos de células ganglionares constituem a obra prima que é o nosso cerebro, o mesmo coração de quatro cavidades serve de bomba central á circulação de nosso sangue; os mesmos 32 dentes, dispostos na mesma ordem, compoem nossa dentição; as mesmas glandulas silivares, hepaticas e intestinaes servem a nossa digestão; os mesmos orgãos de reprodução tornam possivel a conservação de nossa especie.

Si ha entre os dois pequenas diferenças, na grandeza de forma de alguns orgãos, isto nada importa; porque essas mesmas diferenças se notam entre os homens de raça superior e os de raça inferior.

As menores particularidades assinalam o nosso parentesco na ordem zoologica.

A placenta, onde se geram os novos seres, é igual na especie humana e na dos antropoides; em ambas a secreção do leite e o modo de amamentação é inteiramente igual; sendo ainda mais curiozo que, como na mulher, ha no antropoide do sexo feminino, um escoamento de sangue, proveniente do utero, na idade adulta.

O instinto de imitação acompanhado de raciocinio, tambem o tem o macaco. Basta, para isto, citar um exemplo tirado de Romanes.

Cebus — era o nome dado ao upaco, de cujo estudo o filosofo mandava registrar as observações.

O macaco encontrou o meio de dezararrachar um espanador, que tinha o cabo preso por um parafuzo, e, feito isto, logo tratou de novamente atarrachal-o, o que de facto conseguiu. E foi isto o bastante para

que, daí em diante, elle tentasse a mesma operação em tudo que encontrava prezo por um parafuzo. Dezarrachava, para de novo atarrachar, pinças, campalubas, e o mais que chegasse ao seu alcance, tornando-se uma verdadeira calamidade em casa do sabio, por não restituir ás coisas os seus devidos lugares.

Todas as ciencias que se dão ao estudo do homem chegam, a respeito, á mesma conclusão. A analogia comparada á fisiologia, a embriologia, todas são unanimes em afirmar o nosso parentesco com o antropeide.

Por último tambem a paleontologia veio confirmar, entre os fósseis, a existencia do esqueleto pitecanthropos, o tipo intermediario do homem e de seu immediato na serie zoologica. O «homem macaco petrificado», de Java, descoberto em 1895, por um medico holandez, representa o antepassado da actual raça humana na pr funda escuridão do periodo plioceno.

Calem, pois, as lendas. A verdade está com esses pesquisadores infatigaveis, que, tendo, como o comum dos homens, o desejo da immortalidade, e até mais direito de serem glorificados, entretanto, por amor á ciencia, desmentem as asserções das escolas, que delictam o ser humano. Justos, imparciaes, empregando todo o esforço da intelligencia em busca da verdade, é nelles que devemos confiar.

A. C.

Dos illustres confrades Mariano Gomes de Castro, João Lima, José S. Jansen Ferreira, Wladimir Nina, Crisostomo Souza e Arthur Castro, recebemos delicada communicação da installação, nesta capital, a 3 do corrente mez, do **Congresso Maranhense de Lettras**, e de ter sido distribuido no mesmo dia o numero 1.º da revista **Os Annaes**, organ da nova corporação litteraria.

Penhorados, agradecemos a gentileza que semelhante communicação traduz; mas, sentimos dizer-o, declaramos aos distinctos collegas que a **Primavera** não tem, por emquanto, **verba** especial nos Correios para pagamento de **porte** de correspondencias que lhe sejam enviadas. E depois torna-se desnecessario mandal-as aos Correios, uma vez que sejam da Capital, pois, no expediente (2.ª pagina), dizemos que *as correspondencias para a Primavera devem ser enciadas*

á gerencia do **Diario do Maranhão**, á rua da Palma, n. 6.

Desculpem os collegas as nossas expressões, que não visam offendel os; mesmo porque não usamos-as com este intuito. Como sabem, os redactores deste jornal são rapazes pobres, alguns com o encargo de família, além de tudo, ganham pouco, o jornal não deixa para o pagamento de suas despesas, e não podem, de quando em vez, estar dispendendo de duzentos reis. A quantia não é absurda, sabemos. Mas... (diz o rifão) de grão em grão a galinha enche o papo...

Retirando-se temporariamente para o interior do Estado, onde váe á procura de melhoras á saúde alterada, suspende a secção a seu cargo, denominada — **Bilhetes ao Interior** —, o nosso collaborador **Romão**.

Dezemos-lhe prompto restabelecimento e breve regresso.

Previnimos aos nossos bons assignantes que, de 25 do corrente em diante, isto é, até o dia 5 de dezembro p. futuro, procederemos á nova cobrança, visto terminar o 1.º bimestre (outubro e novembro) já satisfeito.

E, prevenindo-os, rogamos sejam pontuaes no pagamento, pois, todas as assignaturas reunidas, muito influirão para o desenvolvimento deste periodico.

ANNUNCIOS

Casa Ouvidor

DE

Khalil Lauand

Rua Grande, n. 50

Neste importante estabelecimento de modas á rua Grande, n. 50, encontram-se artigos do

mais apurado gosto, para elegantes senhoritas; taes como: fitas Liberty de seda de varias cores, ditas de velludo de seda e escossezas, rendas de algodão brancas, largas e estreitas, de ponta e entre-meio, cambracia «Victoria» branca, infestada.

Todos á

CASA OUVIDOR,

Rua Grande n. 50

O Brazil

Acaba de retirar d'alfandega grande sortimento de mercadorias escolhidas especialmente em Paris por um dos socios deste estabelecimento, taes como sejam:

Chapeus enfeitados para senhoras (Capacetes)
Chaleiras e Toques, ultima novidade no genero.

Grande colleção de rendas «Valenciennes» e Irlandezas.
Crivos grossos e finos.
Laizes com 1.ª e 40 de largura.

Echarpes de seda e mantilhas de lã. Bóas de pelle de castor.
Guarnições de atracadores com chapas e brilhantes.

Leques para senhoras e meninas.
Botões de madreperola (fantazia novidade).

Bolsas com pingentes.
Grande colleção de gravatas para homens e senhoras.

Grande colleção de gravatas escossezas para meninos.
Lençoes de seda bordados.

Travessas onfiadas. Camizas brancas para senhoras.
Ceroulas brancas para homens.

Os preços são os mais reduzidos possíveis.

TODOS AO

O BRAZIL

Rua Grande n. 31 - Telephone n. 75

MARANHÃO

Maranhão—Typ. Frias—1291

PRIMAVERA

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

ANNO I

Maranhão — Domingo 5 de Dezembro de 1909

N.º 9

José Casimiro

Ilustração e miséria.

Não raro estes dois nomes apparecem juntos na historia da vida humana; não raro elles se inscrevem como legendas nas faces de uma medalha, e formam, numa antithese suprema, num opposto horrivel e monstruoso, o seu verso e reverso. A principio parecia um impossivel, um absurdo, uma phantasia, que estes dois nomes se juxtapuzessem, caracterizando uma vida, synthetizando um individuo.

Depois, com o se reproduzirem os factos, os espiritos observadores, carregados de profunda e pesada philosophia começaram a comprehender que o natural, o possivel, o direito é unico e simplesmente isto: estes dois nomes se procurarem como dois irmãos que se não podem separar, como dois entes que se completam, que se unificam pelo mesmo pensamento, como duas existencias, que nascem, florescem e morrem uma ao lado da outra, sem o atrazo de um minuto de um segundo, de um momento ao menos!

E quem, abandonando a vereda larga do sentimentalismo, fugindo ao optimismo das imagens comparativas, recolher-se ao tugurio mysterioso do pessimismo philosophico, dirá, que estes dois nomes são typos plenamente representativos de dois inimigos irreconciliaveis, de duas almas adversarias, que, sedentas, procuram o aniquilamento. Quaes dois feros e incansaveis odios que só se saciaram com o exterminio, indo um a procura do outro, sem treguas para os combates, sem intervallos para as luctas, achando-se um sempre em frente do outro, a medirem-se com o mesmo olhar, a desafarem-se com o mesmo rancor, elles se acham frequentemente no mesmo lugar, enchendo a mesma vida de risos e lagrimas, enfiando o mesmo lar de confortos e desesperos.

A illustração está para a miséria assim como a luz está para a sombra.

Uma enaltece os belezas da outra; não se tem uma ideia perfeita e nitida

onde uma acaba e onde a outra começa; não se sabe qual é a que dá origem à outra, porque ellas apparecem no mesmo espaço de tempo; as phasas por que uma passa, passa tambem a outra.

E o homem illustre e miseravel é o campo em que se trava esta lucta hedionda que o mata, e derrama sobre a sua familia um véo de tristeza que nunca, nunca mais se apagará de sua memoria.

Eis ahi, em rapido esboço o que foi José Casimiro, esse miseravel erudito que, há dias, expirou num catre do Hospital da Misericordia.

Como estudou? Não sabemos.

Como ficou miseravel? Tambem não sabemos. O que chega até o nosso conhecimento é que a proporção que elle se abandonava, que elle se desprezava, rolando como folha, pelas correntes da vida, vivendo á custa do pouco que usufruía de suas aulas, crescia-lhe a miséria e cresciam-lhe os conhecimentos. A medida que elle descaía na escala social, até morar em cubiculos humidos e sem ar, a sua intelligencia se aprimorava no cultivo das sciencias que elle febrilmente, intensamente cultivava, como se para elle, só esta immorredoiira deusa de inapagaveis brilhos existisse.

Crescia-lhe a miséria e elle escrevia com amor e proficiencia sobre logarithmos, e preleccionava com profundeza de vista sobre factos astronomicos. Crescia-lhe a miséria e elle terminava um tratado de arithmetica, superiormente escripto, com observações e notas originaes.

E assim, naquelle corpo debil, naquelle organismo mírrado debateram-se estes dois rivales—illustração e miséria, até que a morte venceu o homem.

Dirão muitos, e não sabemos se acertadamente, que esta grandiosa e estúpida lucta, é a que trava o homem com o meio, com a sociedade, com a publica administração do seu paiz; que mau é certamente o governo que não aproveita dos seus homens illustres para os collocar á frente dos seus estabelecimentos de instrução, e os deixa vegetar uma existencia inteira

que muito util havia de ser á sua patria e aos seus contemporaneos. Dirão com vantagem, que culpado é o governo, que aproveita para o professorado official nullos e incompetentes, individuos que nem se pèjam de declarar que ignoram a materia que ensinam, porque têm o professorado como um facil meio de vida e nada mais e deixa que um José Casimiro, vastissima cerebração, acabe os dias numa tarimba do Hospital da Misericordia!

Para se medir, para se avaliar a grandeza moral e politica de um paiz, não se precisa de mais documentos. A historia, registra acontecimentos como este, e os criticos e os pensadores, todas as vezes que accentuam nas paginas dos seus livros manchas tão negras, sabem lançar, sobre a nação que taes villezas pratica o anathema cruel da sua condemnação!

E, sem duvida, uma lição amarga.

Em sua troca, porém, o facto em si lastimavel encerra outro ensinamento proveitoso, que muito aproveita aos pygmeos que jogam pedras aos portadores de uma sciencia sadia—é que a suprema, a divina coragem não está em apedrejar os talentos vigorosos que, por desanino, vencidos da má fortuna, ou victimas dos contemporaneos ingratos, se abandonam ao enxurro que escorre das sargetas; a suprema, a divina coragem do homem está em saber morrer no catre de um hospital!

Nascimento Moraes.

As duas irmãs

Para o Estolano Polary.

Havia, numa cidade grande e bella, um casal que possuía duas bonitas e novas raparigas, fructos do seu amor conjugal. Era o velho Scipião e a respeitavel senhora Theodora. Moravam numa rua das mais concorridas da Capital em uma meia morada de casa. As meninas, em todo o viçor dos vinte

Primavera

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

Redactores:

Appolinario de Carvalho e Estolano Polary.

Publicação—aos Domingos.

Assignaturas

Bi-mensaes (exclusivamente) 18000
 Numero do dia..... 100
 Numero anterior..... 300

Toda e qualquer correspondencia para este hebdomadario devera ser dirigida á gerencia do «Diario do Maranhão», á rua da Palma n. 6.

e vinte um annos, chamavam-se: a primeira, Elvira, e a segunda—Dinah.

Assim que o sol mostrava as primeiras fulgencias dos seus raios nas faces rubicundas do Levante, o velho Scipião procurava o rumo do commercio, para dar entrada, á hora costumeira e regimental, na casa do patrão, pois era em uma casa commercial que ha muitos annos exercia o lugar de caixeiro.

Poderia, naquella idade em que se nejava, exercer logar superior, mas...que diabo! a adversidade da sorte lhe não permitira tal ventura, e, como fosse chefe de familia, pauperrimo, sem auxilio algum, alli continuava cavando o resto da vida, que já lhe era bem curta.

A's vezes, conjecturava elle, quando estava em casa: «Bem pode ser que, si abandonasse esta vida de commercio, a fortuna me sorrisse e melhor ou vivesse, ao menos agora nos ultimos quartéis da existencia». Porém, de repente mudava e, sentenciosamente, dizia: «Ora, qual fortuna, qual nada! Si em moço a vida me não foi risonha, agora também é tolice! E depois, quem me comeu a carne, que me roa os ossos...»

A senhora Theodora com as meninas costuravam bastante, e, graças á sua pericia na profissão, tinham uma selecta e não pequena freguesia. De sorte que muito e muitissimo auxiliavam o velho Scipião, que, lá pelo Commercio, percebia apenas 150\$000 mil reis, ex-

iguos, insufficientes, portanto, para a manutenção da familia.

Mas, mesmo assim, viviam todos contentes e felizes, numa paz admiravelmente bella, capaz de fazer inveja a um santo.

Certa vez, áhi por uma dessas bellas tardes de maio, roscendente ao perfume das rosas e das açucenas, appareceu na tal cidade um guapo rapaz, moreno, alto, olhos negros, bigode regular, cabellos negros, lisos, que, ao passar pela casa do velho Scipião, vio, pela vez primeira, uma das suas filhas: a Elvira, Morena, altura mediana, olhos e cabellos também negros, e formosa como as formosas manhãs de primavera.

Trocaram os primeiros olhares, furtivos e apaixonados, e os seus corações pulsaram no mesmo sentir, e as suas almas comprehenderam-se mutuamente e... amaram-se cheios do mesmo ardor, na febre ardente da mesma paixão.

Mas, segundo dizem, não ha felicidade completa. E é a verdade.

Appolinario de Carvalho.

(Continúa).

Helena

Essa é das virgens todas a mais pura
 E a mais linda de todas com certeza.
 Não foi avara a mão da Natureza
 Em conceder-lhe tanta formozura.

Basta um seu meigo olhar, quando irradiava

Para prender o coração da gente
 E fazer-nos subir serenamente
 Aos sete-céus da louca phantasia.

Quem pôde resistir essa sercia
 Quando ella vibra aquella voz sonora
 Cheia de encanto e de ternura cheia?

Pois tenbo já no peito uma ferida
 E diz-me o coração a toda hora
 Que ella será por toda a minha vida.

P. Corrêa Pinto.

Do Sr. Coronel Raymundo Ermelindo de Souza Martins, Agente neste Estado d'«A Economisadora Paulista», recebemos bonito chromo acompanhado de uma folhinha de desfolhar, para o futuro anno de 1910, e de um folheto—**Lembrança de S. Paulo**, que traz, além de outras bellas photographias, a da Directoria d'«A Economisadora».

Penhora-nos sobremodo a gentileza do sr. Coronel Souza Martins, a quem, desvanecidos, agradecemos.

ESCRINIO DAS RIMAS

A Avenida

(Conclusão)

Depois... os tristes pezares
 minam-lhe os dias da vida;
 pelos remorsos ferida
 volve ao socego dos lares,
 onde o esposo, notando
 a pallidez do seu rosto,
 pergunta qual o desgosto
 que a ella está torturando?
 É a pobre, triste, abatida,
 responde apenas:—«Não sei,
 parece que escorreguei,
 quando fazia a Avenida!»

Até velhas, com semblantes
 de respeitáveis matronas,
 apesar de santarronas,
 tomam ali bons excitantes!
 Ao verem passar um moço
 esbelto, bem parecido,
 sentem logo um alvoroço
 e dizem ao velho marido:

«Olhe acolá, seu Meneses,
 que rapaz! aquelle sim...
 que nem mesmo olha p'ra mim!
 Isto assim já não é vida,
 você já perdeu o brio,
 cada vez está mais frio,
 nem quer fazer a Avenida!...»

Por entre o povo que passa,
 até viúvas passeiam,
 feridas pela desgraça,
 porém, que nada reciam;
 do rosto pende-lhe o véo,
 signal de pesado luto,
 sentimento absoluto,
 por quem já vive no ceo.

Porém... ah! triste verdade!
 aquelle ar compungido
 nem sempre exprime saudade
 do seu primeiro marido,
 que já partiu d'este mundo,
 pois seu unico sentimento
 é ver se arranja o segundo
 E diz—«Ah! meu Deus que vida,
 que desconsolo profundo!
 já não tenho n'este mundo
 com quem fazer a Avenida!...»

Mesmo a criança que vae
 atraz do brinco innocente,
 no laço mais imprudente
 ás vezes sucumbe e cae,
 pois mudando de caminho,
 em vez de ir ás escolas,
 vai p'ra lá fazer galolas,
 para apanhar passarinho.
 É cousa bem divertida,
 que não fatiga a ninguem,
 mas prejudica também
 quando se faz na Avenida!...

Fiquem os leitores sabendo que o que mais causou-me espanto, foi lá ver um Reverendo, homem que passa por santo, que sabe a roda onde piza, andando por entre os pares, com finas vestes talares, gosando o fresco da briza!

Foi tal o susto qu'eu tive ao vê-lo n'aquelle meio, que logo não me contive e perguntei com receio: —Então, Padre, também gosta, não acha isto tudo feio? Elle me disse em resposta: —Eu vim sómente a passeio, é preciso que se note, passo uma vida isolada, um viver de sacerdote, não vou a bailes, nem nada; ora, isto assim não é vida, e como sou velho e padre, fui buscar minha comadre, p'ra fazermos a Avenida!...

Éis o que é o passeio da praça Pedro Segundo, onde se vê todo o mundo no mais amavel recreio; é lá o ponto mais certo da convivência elegante, o centro mais fascinante, e os gozos todos abertos.

Aquella bella avenida, cheia de boas attentions, tem excellentes motivos p'ra se tornar tão querida, pois além de ser dotada de primorosa belleza, desculpa muita proeza da mais fina velhacada. Eu mesmo que sou sisudo e nada faço por fóra, estou resolvido agora a socorrer-me de tudo, p'ra nunca perder a vista, dizendo á gente do casa que não fique consumida se eu entrar de madrugada, que pode estar socogada, que eu fui fazer a Avenida!

Por isso, caros leitores, se sois solteiros ainda, buscai tranquillios amores na paz domestica indida, onde a ventura repousa, cercada de flicidade; procurai p'ra vossa esposa uma mulher já de idade, hã, modesta, perfeita, dotada de predicados, bella por todos os lados, com a Avenida já feita!...

EUCLYDES FARIA.

(Das «Brizas da Amazonia»).

Da nossa brilhante collaboradora SOPHIA recebemos a carta abaixo, a que, gostosamente, damos publicidade; e esperamos que a inspirada escriptora se digne honrar sempre as columnas da *Primavera* com a sua penna reconhecidamente competente

Carta a uma noiva

Minha querida...

Hoje, ao ler a tua primeira carta que veio romper o injustificavel silencio que temos guardado desde que nos separámos, invadio-me a alma uma saudade intensa da nossa vida de collegio.

Como vai longe esse tempo! Ha seis annos, quando tu eras ainda uma menina e eu já me considerava moça, abandonei, levada pelo coração, a vida despreocupada e alegre de solteira, para me entregar a outra, mais nobre sem duvida, porém que nos traz as graves responsabilidades de mães de familia. Mas de assim haver procedido não tive ainda um só instante de leve arrependimento: muito ao contrario, só tenho palavras de gratidão que elevo a Deus, pela misericórdia com que protege o nosso lar, onde a alma boa do meu Paulo derrama o amor que me enche o coração e envolve a alma innocente da minha filha.

Perdoa-me querida, porque eu comecei por falar de mim com uma vaidade de criança que se sente li-songeada. Acredita que quem agita em mim, neste momento, todas as forças affectivas de esposa e de mãe, para que eu assim te fale, é a noticia que me dá do teu noivado. Sinto-te proxima de mim, e me domina um desejo irresistivel de tomar-te em meus braços com o mesmo carinho com que estreito a minha doce e querida filha. Mas, ah! como se me alligura dilatada agora a longa distancia que nos separa. Embora... Já que te não posso ver ao meu lado e contar-te o prazer que me alegro, registrarei aqui para te escrever da gula, si dellas quizeres aproveitar, algumas observações que a minha curta experiencia tem congegido colher no desempenho dos meus deveres de esposa.

Farei notar primeiramente que a despeito do movimento que se vai astraando por toda a parte em prol da emancipação da mulher, dessa emancipação que, por ser liberal, ha de derrubar a do altar em que a collocou a sociedade actual, a ella compete sobretudo a sublime missão da mãe de familia. Ah! é

que nós revelamos, em toda a plenitude, a grandesa da nossa alma e o valor da nossa intelligência.

Li, não me ocorre onde, que uma mãe experiente dissera á filha noiva: «Si é difficil ser mãe, muito mais ser esposa, porque a primeira é obra da natureza e a segunda é criação da mulher, ou—antes—da noiva. Casadas, nós aprendemos a desempenhar o complexo papel de mães instinctivamente, com a mesma naturalidade, com que sabemos escudar-nos no pudor, quando temos a alma ainda em botão. Já a esposa, quem a faz é a intelligência e o coração da noiva».

Quanta verdade encerra este trecho de singella belleza! Guarda o no intimo da tua alma e lê com attentão o que aqui vou deixar escripto.

Enquanto és noiva, procura bem conhecer o homem a quem prometteste unir-te. Esenta-lhe os conselhos, advinha-lhe as intenções. Se dedicada, mas não te excedas em caricias para que ellas não se tornem pouco desejadas.

Brinca, diverte-te, mas não transponhas a linha do recato que te debes impôr.

Considera que o respeito sendo a base da amizade sincera, é quem mantém a durabilidade do amor.

Casada, são mais graves ainda as tuas attribuições, no sentido de estabelecer o equilibrio do affecto. De ti, principalmente, depende a felicidade do teu lar.

Procura agradar o teu esposo, conservando os hábitos que adoptavas, quando solteira. Usa o penteado e o trajo de que elle mais gostava. Assim não perderás o encanto que elle encontrará em ti.

Nós precisamos fazer-nos galantes para sermos queridas.

Não te supponhas superior nem tampouco inferior a elle. Estima-o, respeita-o. Se carinhosa, sollta e dedicada.

Cede ao que elle te pedir, uma vez que não te humilha.

Si te julgares offendida, quando elle por ventura te tratar com modo pouco delicado não a repillas com arrogância; prefere mostrar-te magoada: chora, si ti vierem as lágrimas. As lágrimas são a melhor arma de defeza de que a mulher pode usar contra o homem que a ama. Nisso não vae humilhação; pelo contrario, revela a grandesa dos teus sentimentos.

Não lhe manifestes zelos ridiculos, embora os sintas. Evita caprichos inconvenientes que possam abalar a harmonia e a tranquillidade do teu lar.

Ha de te parecer que os meus conselhos creem uma posição pouco

altiva á mulher. Que queres? A mãe de família cabe a abnegação de que só Christo soube dar exemplos.

Terás, porém, a recompensa desses sacrificios no amor e na dedicação do teu esposo, inspirados pela tua bondade e pelo teu carinho.

Adota, si quizeres, esses habitos, que são os meus, e não te esqueças que da mulher depende a felicidade do lar.

Sé feliz. Adeus.

Beija a tua

Sofia.

Tornamos publico, para os devidos fins, que o nosso amigo Mariano Chagas deixa de fazer parte da redacção deste organ litterario.

Conforme noticiaram a *Pacatilha e o Diario do Maranhão*, não nos foi possível dar esta edição no domingo p. passado, em virtude de um desarranjo no prelo em que imprimimos a *Primavera*; mas é facil acreditar que os nossos bons amigos leitores e assignantes desculparão essa falta com mettida, máo grado á nossa vontade.

ANNUNCIOS

Casa Ouvidor

DE

Khalil Lauand

Rua Grande, n. 50

Neste importante estabelecimento de modas á rua Grande, n. 50, encontram-se artigos do mais apurado gosto, para elegantes senhoritas: taes como: fitas Liberty de seda de varias cores; ditas de velludo de seda e escossezas, rendas de algodão brancas, largas e estreitas, de ponta e entre-meio, cambráia «Victoria» branca, infestada.

Todos á

CASA OUIDOR,

1— Rua Grande n. 50

Maranhão—Typ. Frias—1301

ALTO! ESCUTEM LA'!

TABACARIA PARIS

Uma das primeiras do Norte do Brasil, modestamente montada no predio á rua Grande n. 17, uma das principaes ruas deste Estado.

Importadora directa do charutos e fumos dos melhores fabricantes, como abaixo verão os consumidores

Charutos «Poock» & Comp.

SECÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

Commerciaes, Caçador, Ceey, Apurynan, e Amazonia.

SECÇÃO DA BAHIA

Superfinos, Marrocos, Mercedes, Dernier-cri, Boers, Cascadura, Redemptores, Carlos Gomes, Diana, Picolo, Floripes, Estimados, Bahianos e Maxixe.

CHARUTOS DANNEMANN & COMP.

Sem Par, Bouquets, Boccacio, Cometa, Bella Cubana, Sem-Rival, Prima-Lucia, Margarida, Sol, Mecca, Lisongeiros, Perlitos, Marietta, Turf Club, Risonhos, Joannita, Wanda, Dera, Billa, Artistas, Cecilia, Adda, Meluzina, Borboleta e Paris, (marca registrada da Tabaria Paris).

CHARUTOS «STENDER» & COMP.

Flexa da Bahia, Feu-fru, A Fama, Cosmos, Central, Lóla, ~~est. gaudes~~, Originaes n. 6, 15 e 60 Peisons, Mexicanos, Perolas, Bella Bahiana, Leão e Novidade.

CHARUTOS HOENING & COMP.

Bouquet de habana, Verdadeiro habana, Regalia de salão, Conchita habana, Teotonia, Odoresos, Regalia da Bretania, Damas e Carvalhinho.

CHARUTOS COSTA FERREIRA & PENNA

D. Carlos, Predilectos, Nandy, Boijos, Lourinha, Gran-via, Cornelia, Triumfantes, Sympathia, Mignons e Cigarros mimosos.

CHARUTOS FRANCISCO VIEIRA DE MELLO

Luey, Nivea e Nippons.

Cigarros do nosso fabrico—: com especial fumo marca «VEADO» das seguintes marcas: Perolas, Victoria, Commerciaes, Concha, de fumo caporal, Cyclistas, Perlitax, Paz e Amor, em fumos Goyanos Barbaena, Rio Novo e Turco.

FUMOS em delicadas caixinhas de 200 grammas: Caporal Goyano, Barbaena, Rio Novo, Higienico e Turco.

FUMOS DESFIADOS Á VAREJO:

Caporal fino e entre fino, Goyano, Barbaena, Rio Novo, Higienico, Turco, Virginia, Louro Lubbeck e Feiner.

E muitos outros artigos como sejam: Bolças, bouquilhas, caximbo, papel em livros, de todos os fabricantes, proprio para os fumantes.

Independente desses, encontram-se também multissimos artigos de luxo, para homens, taes como: chapéos, bengalas, meias, collarinhos, punhos, gravatas, camisas, perfumarias, uniformes completos para os socios do TIRO MARHENSE, e tudo quanto de melhor se desejar possa.

F. Carvalho Comp.,

☒ Telefone n. 232 — Rua Grande n. 17 ☒
MARANHÃO

PRIMAVERA

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

ANNO I

Maranhão — Domingo 12 de Dezembro de 1909

N.º 10

Toma!...

Neste valle de lagrimas, ou melhor neste valhaçouto de patifes, a gente ha de fatalmente se indignar de quando em quando com um pedaço dos refinados supraditos. E para se evitar uma ligeira obstrucção no fígado, o melhor desopilativo na falta de Rubinat, é escrever-se algo sobre o caso, á guisa daquelle celebre instrumento com que Christo expulsou os vendilhões do Templo.

Um padre (sempre um padre) com as ventas entupidas do simonite, jungido ao conceirissimo e pesado carro do «horror ás novidades», adduzindo imbecillissimas razões e arrotando sa-benças indigestas, lançou das bôrdas do pulpito em hora de missa na matriz da cidade de S. João d'El-Rei (Minas Geraes) o rançoso e megatherico «anathema sit» sobre a distincta actriz brasileira Nina Sanzi por haver esta representado, com enorme successo, peças naturalistas em uma casa de espectaculos daquellacidade. Hom'essa! Dá-nos até vontade de resar: *Pater noster*...

Então pelo simples facto de alguém reproduzir, perante um grande auditorio, scenas que, «au jour le jour» se passam na vida real, vem um chavão desses que por ahí andam de cara rapada e munido de hyssope, lançar a *santa ex-communicatio* num espirito esclarecido e forte que acompanha pari passu a evolução das cousas nesta epoca de verdades agrídicas e intenso realismo... que vivemos!

O que fez, ou o padre com es-

sa lenga-lenga? Perdeu uma boa occasião de ficar calado, perdendo tempo e vida, clamando no deserto das consciencias. Sim. Consciência é letra morta, como diz Junqueiro.

Reverendação amigo, com que cara não ficarias tu se assistisses á luz da ribalta a seguinte historia apimentada e amaxixada de um teu irmão em canones? Tem a palavra Forjaz de Sampaio — Resa um assento da Torre do Tombo que pelos annos de 1220, o padre Fernando da Costa, presbytero do habito de São Pedro, prior da Igreja do Taroucatcanonizado talvez, dizemos, pediu perdão a el-rei D. Afonso III por se julgar ter dormido com «sete irmãos, nove comadres, uma fia, nove afilhadas, e com Antonio da Cunha, além de cincoenta e uma mulheres, das quaes houve cento noventa e sete filhos, quarenta e sete fêmeas e cento e cincoenta varões». Ora, ahí tem. É uma fia cinematographica essa piedosa historia que nos põe os olhos rasos d'agua, como dizem os poetas. Esse bema-venturado Fernando da Costa, a quem Deus haja em sua santa guarda, cumprindo ao pé da letra um dos mais transcendentes preceitos do Evangelho — cresci e multiplica — foi incontestavelmente, o homem mais genuinamente sincero (na accepção rigorosamente etymologica e positiva do termo) que o sol no decurso destes sete seculos, tem gostosamente aquecido com seus raios louros e bemfazejos, como se diz em lingua-gem açechada e chorosa.

Foi sincero e foi fraco. Sincero por se haver confessado, sem rebuços, um dignissimo emulo do biblico Salomão, e fraco por

se haver prosternado ante um rei implorando perdão para o seu crime, si como porventura crime houvesse em qualquer um dos mandamentos da Santa Madre Igreja. Tolicos! Mas a Torre do Tombo é uma indiscreção, dirão.

Não. Aquillo é a espada de Damocles sahindo de infolios e alfarrabios, ou melhor, parochos de S. João d'El-Rei, aquillo chama-se a Historia.

Sabes o que é a Historia? uma mulher sombria, Gigante colossal que anda de noite e dia. A cavar sobre o chão dos vastos cemiterios, tirando do sepulchro a ossada dos imperios, Erguendo panteões e derrocando altares.

..... A Historia vai acabar
A alma do infame ao céu, á terra, ao mar,
Onde quer que ella durma, onde quer que
ella esteja,
Não reconhece rei, nem reconhece igreja,
Reconhece a justiça, o grande dogma austero

Louvado seja Guerra Junqueiro.

Ora ahí está, reverendo rotineiro (perdão o pleonasma), porque houvemos por bem perder em alguns minutos a nossa protocollaria gravidade para vir em termos chocarrosos, diserte as verdades que acabaste de ouvir.

Good by!

As duas irmãs

Para o Estolano Polary.

(CONCLUSÃO).

Mal trocaram os primeiros sorrisos, que têm a belleza dos primeiros beijos da aurora e são mais doces e mais suaves que um sonho azul de noivos; mal trocaram os primeiros olhares ternos, sublimes, apaixonados e tentadores, e o odio

Primavera

JORNAL LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

Redactores:

Appolinario de Carvalho, Maria-
no Chagas e Estolano Polary.

Publicação — aos Domingos.

Assignaturas

Bi-mensaes (exclusivamente) \$3000
Numero do dia..... 100
Numero anterior..... 200

Toda a qualquer correspondencia
para este hebdomadario devera ser
dirigida a gerencia do «Diario do
Maranhão», a rua da Palma n. 6.

rebentou feróz, espontaneo, me-
donho, implacavel, da parte
dos paes de Elvira, contra o
pobre Eduardo. Assim se cha-
mava o desventurado mogo.

E a proporção que os dias
se succediam, o odio, dos
paes e da irmã de Elvira, au-
gmentava, recrudescia, cada vez
mais forte.

Que seria, afinal? Esse odio
tinha origem, diziam. Outros,
em discussões, garantiam que
o rapaz era um estroina, um
jogador e, por tal motivo, nas-
cia aquelle odio ingente.

O povo, porém, que o conhe-
cia, estranhava sobremodo a
causa de semelhante odiosida-
de, pois não era Eduardo um
bebodo, um jogador, um vaga-
bundo, um *D. Juan*, um sceler-
ado, enfim.

Que seria, afinal?
Feriam nojo da farda, glorio-
sa e brilhante, do Exercicio do
seu paiz, que elle convergava?
Só isso, talvez fosse a causa da-
quelle odio profundo, insacia-
vel, pois que outro defeito elle
não tinha.

Era sargento de um dos ba-
tallhões do Exercicio, rapaz ha-
bilitado, intelligente, poeta, si
bem que principiante mas re-
velava já certa competencia. Si,
portanto, o odio que os paes de
Elvira consagravam a Eduardo
se originava dos seus defeitos,
os unicos defeitos que elle ti-
nha eram esses...

Passaram-se tempos. Os an-
nos, uns após outros, céleres
passavam. E um dia, depois de
muito soffrimento por parte de
ambos os namorados; depois de
muita miseria emanada do co-

ração de paes ignorantes, cele-
bravam Eduardo e Elvira, illi-
citamente embora, a primeira
missa do seu amor ardente,
unico, inquebrantavel...

Sabedores de semelhante o-
ccorrença, os paes de Elvira,
contrafeitos, tristonhos, incon-
solaveis talvez, não tiveram ou-
tro remedio sinão procurar
unil-os licitamente, decentemen-
te, como era o primitivo dese-
jo de ambos, afim de darem,
por essa fórma, uma satisfação
à sociedade e lavarem, de vez,
a mácula que lhes ficara nas
respeitaveis cans, por sua unica
exclusiva culpabilidade.

Dias depois, Eduardo e Elvi-
ra, mais alegres que os passa-
ros nos ramos em pleno des-
pontar da alvorada, celebravam,
festiva e solennemente, o seu
aspirado casamento, máo grado
à vontade dos paes da noiva.

E um dia, depois de casados,
quando conversavam no leito
nupcial entre a musica festiva
dos abraços e o estalido fremente
dos boijos, Elvira contara que
Dinah, sua irmã, lhe fora sem-
pre cruel e tyranna, sendo a
causa unica daquelle odio atroz
que os seus paes lançavam a
Eduardo, pois era ella a intri-
gante, a calumniadora, a abo-
minavel!

Appolinario de Carvalho.

Da Villa de Pinheiro, para onde
fora a 12 de outubro ultimo, em
busca de melhoras à sua saude al-
terada, regressou no dia 8 do an-
dante completamente restabelecido,
nosso prezado amigo e confrade
Mariano Chagas, a quem cordial-
mente abraçamos.

Ha bem poucos dias noticiámos
ter elle deixado a nossa redacção,
pois, apesar de não desejarmos a
sua sahida, havíamos recebido dous
pedidos seus para tal fim, o ultimo
ha uns doze dias atraz, e por isso
fomos levados a attendel-o.

A causa que o levou a solicitar
dispensa do corpo redaccional desta
folha foi simplesmente a sua mo-
lestia; mas, felizmente, volta o Ma-
riano restabelecido e declara-nos
estar disposto a reencetar as lutas
jornalisticas; pelo que fica sem effe-
ito a noticia dada na edição passada,
voltando elle para a nossa reda-
cção.

ESCRINIO DAS RIMAS

A' minha Mãe

Quando minh'alma desfriz o laço
Que a prende á vida triste e amargurada,
Para viver cantando pelo espaço,
Numa formosa e limpida alvorada;

Quando, sorrindo, o derradeiro passo
Eu dêr da vida na tristonha estrada,
Ao dar-me o teu sublime e ultimo abraço
Não chóres nem te julgues desgraçada.

Mas quando, numa tarde linda e pura,
Meu frio corpo, em pleno campo santo,
Fôr sosinho baixando á sepultura,

Arranca o coração do peito meu,
Pois este coração que te ama tanto
Não deve ser do pó, deve ser teu!...

Americo Cesar.

EL-H!

Essa mulher que me acorrenta e algema
Na grilheta do amor e da ventura,
E' a mais terna e adoravel que fulgura,
Sob o pallio do sol de luz suprema.

Não tem na trança o loiro côr de gema,
Nem tem do nenuphar a casta alvura,
Mas, no entanto, possue mais formosura
Tendo a côr e os cabellos de Iracema.

Ouvil-a, é sempre ouvir bandolinata,
E sentir percorrer-nos fibra á fibra
O som de gulzoz de crystal e prata.

E' de forma pagã que não se adelga
E na risada que solfeja, vibra
A gusla d'ouro de um canario belga!

Octavio Galeão.

A'...

E' um delirio este amor
Ardente, firme, sincero...
Se digo que te venéro,
Zombas de mim minha flôr.

E se um beijinho te peço
Nas ancias dos meus desejos,
Te dizes que eu troco o teço
O nosso amor só por beijos!

Zé Reis.

Primavera

Rimas ligeiras

Quando em teus olhos languídos repouza
A candidez sublimar da ternura,
Minh'alma branca de poeta pouza
Nas azas niveas de tua alma para.

Quando os teus labios pequeninos, bellos,
Vão desmaiando num sorriso doce,
Ai, tu não sabes como eu sinto anhelos
De seres milha como quer que fosse...

Ai, tu não sabes, Margarida, como
Queima-me a febre do eternal desejo,
Todas as vezes que eu ligeiro assomo
Teu vulto airozo na janella vejo...

E tu não sabes, afinal, divina,
Como eu suspiro em sensuaes ancelos,
Quando contemplo a rosa purpurina
Que tens no bico das formozas seios...

Appolinario de Carvalho.

Flores e Fructos

A alma do poeta era dezerta,
muda e tristonha!

Veio a Mulher um dia e quiz
habitá-la; mas, para isso, era
mister uma Arvore, em cuja
sombra ella encontrasse abrigo.

Então, dos labios deixou rolar
envolta num sorriso, uma
semente que, cuidadosamente
plantada, brotou e floriu, ali-
mentada pelo calor do seu olhar
e pelo orvalho das lagrimas do
poeta - a Arvore desejada.

Era a Arvore do Amor, em
cujos galhos se aboletaram as
rólas a entoar seus cantos cheios
de dor e de saudade, que a Mu-
lher hauria serena e descuidada.

Veio a Primavera, os sonhos
do poeta surgiram transforma-
dos em Flores que tombaram,
ao bafejar da briza, coroados,
aquella que ainda descuidada a
sombra do Amor vivia.

Hoje, tudo sorri; uma alegria
immensa percorre ess'alma ou-
tr'ora tão deserta!

A Mulher estuda aquillo que
me cerca, contempla a Arvore,
colhe as suas ultimas Flores

Falta ainda uma coisa; exclama!
os Fructos!

Os Fructos brotarão, hão de
apparecer, diz-lhe uma voz se-
creta; espera!

Deixa que venha a segunda
Primavera e antes que as Flores
tambem, fecunda as com os
teus beijos e elles surgirão
para!

As Flores são os sonhos do
poeta e os Fructos a transfor-
mação sublime dos sonhos na
realidade!

Eider Filho.

(Da «Próza sem harmonia»)

“A Metralha”

Consta que brevemente ap-
parecerá na arena jornalística,
nesta cidade mais um valente
campeão, que se baterá denoda-
damente em prol da Patria, do
Povo e da Republica.

Segundo ouvimos, «A Me-
tralha» terá por norma, desa-
paixonadamente combater erros
e atacar abusos.

A sua redacção será compo-
sta de uma pleiade de intelec-
tuaes maranhenses, que de ha
muito se tem dedicado ás lutas
da imprensa.

Aos intemeratos fundadores
do novo organ de idéas alevan-
tadas e nobres, apresentamos,
de já, os nossos melhores para-
bens e auguramos seja o seu
desideratum levado a effecto
com todo brillantismo e bre-
vidade.

O nosso conterraneo Boabdil
Pereira da Silva, irmão do nos-
so amigo Newton Pereira da
Silva, foi approvedo plenamen-
te nas materias que constituem
o 1.º anno para pharmacia, pres-
tado na Faculdade de Medici-
na da Bahia. Parabens.

Resposta de uma noiva

Minha boa Sophia...

A impressão que me deixou
tua carta me é absolutamente
impossivel revelar-te, quer fal-
lando, quer escrevendo.

Com que carinho, sincerida-
de e sobre tudo com que pro-
ficiencia ditaste tão sabios con-
selhos!

Simple e bons! Sem elles não
pode haver a tão desejada paz
do lar. Calhram-me n'alma pro-
fundamente uma mãe, por mais
desvellada que fosse, não os di-
taria a sua filha, e sabes porque,
minha querida Sophia?

Nossa mãe ama-nos muito,
muito mais mesmo do que o
nosso pai, o nosso marido,
nunca, de bom grado, se confor-
ma com a biblica separação que
traz o casamento e chega a
ponto de ver, no menor desgosto,
no menor aborrecimento do

nosso noivo ou marido uma
grande offensa.

Se nossas lagrimas vencem
o eleito de nosso coração, innun-
dam o coração de nossa mãe;
quando somos creança ella não
nos pode ver chorar, casadas
então, a sua dor é immensa.

Os teus mandamentos, estes
que profensas e que, espero, serão
tambem os meus, prescrevem o
sacrificio, requerem o stolicis-
mo. E uma mãe não quer e mu-
lto menos aconselha o sacrificio,
á sua filha embora elle só at-
tinja o ponto em que começa a
humilhação.

Tu foste boa alumna como és
boa esposa, possa eu acompa-
nhar-te nesta ultima estrada ja
que o não fiz na primeira.

Impressionou-me bem, mas
não me causou admiração o
modo porque encaraste a mu-
lher do presente seculo.

Queres a mulher mãe de fa-
milia, a verdadeira dona de ca-
sa, que ella não compartilhe
com o homem as questões polí-
tico administrativas, conde-
mnas emfim a emancipação da
mulher.

Então, para nós, as mu-
lheres, a emancipação politica,
em breve, é será uma realidade
Da tris Inglaterra partem bra-
dos das suffragistas e nas outras
nações ha correntes de opiniões
que as applaudem

Homens ha que se interessam
por essa emancipação, como se
tratasse de causa propria. A
idéa alastra-se, pequenos vesti-
gios aqui, vehementes signaes
alli; que querem? a mulher foi
escrava antes do Christianismo
(e o é ainda no mais culto paiz
da Asia-o Japão), sua con-
dição foi transformada por elle.
A mulher então conseguiu na
Sociedade a posição em que se
encontra presentemente; mas,
ainda é pouco, ella não se sa-
tisfaz com isto, quer a sua
emancipação.

Ah! minha antiga, que Inte-
licidade para nós e ainda mais
para a humanidade. Na Torre
de Babel houve menos confusão
do que a que nos aguarda. Nel-
la não se entendiam por diver-
sidades de lingua e no tempo
futuro da emancipação não se
entenderão por diversidades de
ambições.

A familia é uma pequena so-
ciedade e esta perde o seu ca-
racteristico principal, quando
lhe falta a cabeça, o chefe; cede
logar á anarchia

Assim a sociedade, assim a
familia. Quando a mulher em-
cipada desputar o governo da

familia ao homem, a harmonia desaparecerá, porque é da mulher, como disseste em tua cartinha, que depende a felicidade do lar.

A mulher emancipada não se ha de conformar com a sua situação actual na familia, e o homem por sua vez não se sujeitara, não cedera; a luta travar-se-á e, como na mulher, não existirá a força das lagrimas, ella será vencida, humilhada e sentirá saudades dos tempos actuaes.

Como me afastei do assumpto, minha querida Sophia?

Perdôa a digressão, sim?

Oh! como fui feliz em não te esquecer, adoravel Sophia! Que ensinamento me deste em teus mandamentos; todos elles são conformes com o bom senso a boa razão e farão feliz a tua

Helena

O Brazil

Acaba de retirar d'alfandega grande sortimento de mercaderias especialmente em Paris por um dos socios deste estabelecimento, taes como sejam:

Chapeus enfeitados para senhoras (Capacetes)

Chaleiras e Toques, ultima novidade no genero.

Grande colleção de rondas «Valenciennes» e Irlandezas.

Crivos grossos e finos.

Laizes com 1.^o e 40 de largura.

Echarpes de seda e mantilhas de lã. Bôas de pelle de castor.

Guarnições de atracadores com chapas e brilhantes.

Leques para senhoras e meninas.

Botões de madreperola (fantazia novidade).

Bolsas com pingentes.

Grande colleção de gravatas para homens e senhoras.

Grande colleção de gravatas escocsezas para meninos.

Lenços de seda bordados.

Trayessas enfiadas. Camizas brancas para senhoras.

Ceroulas brancas para homens.

Os preços são os mais reduzidos possiveis.

1) TODOS AO

O BRAZIL

Rua Grande n. 31 -- Telephone n. 75

MARANHÃO

Typ. do «Diário do Maranhão»—1314

ALTO! ESCUTEM LA'!

TABACARIA PARIS

Uma das primeiras do Norte do Brasil, modestamente montada no predio à rua Grande n. 17, um das principaes ruas deste Estado.

Importadora directa de charutos e fumos dos melhores fabricantes, como abaixo verão os consumidores

Charutos «Poock» & Comp.

SECÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

Commerciaes, Caçador, Cecy, Apurynan, e Amazonia.

SECÇÃO DA BAHIA

Superfinos, Marrocos, Mercêdes, Dernier-cri, Boers, Cascadura, Redemptores, Carlos Gomes, Diana, Picolo, Floripes, Estimados, Bahianos e Maxixe.

CHARUTOS DANNEMANN & COMP.

Sem Par, Bouquets, Boccacio, Cometa, Bella Cubana, Sem Rival, Prima Lucia, Margarida, Sol, Mecca, Lisongoiros, Perlitos, Marietta, Turf Club, Risonhos, Joannita, Wanda, Dera, Billa, Artistas, Cecilia, Adda, Meluzina, Borboleta e Paris.

CHARUTOS «STENDER» & COMP.

Flexa da Bahia, Fru-fru, A Fama, Cosmos, Central, Lóla, Elegantes, Originaes ns. 6, 15 e 60, Priscas, Mexicanos, Perolas, Bella Bahiana, Leão e Novidade.

CHARUTOS HOENING & COMP.

Bouquet de habana, Verdadeiro habana, Regalia de salão, Conchita habana, Teotonia, Odoresos, Regalia da Bretania, Damas e Carvalhinho.

CHARUTOS COSTA FERREIRA & PENNA

D. Carlos, Predilectos, Nandy, Beijos, Lourinha, Gran-via, Cornelia, Triumfantes, Sympathia, Mignons e Cigarros mimosos.

CHARUTOS FRANCISCO VIEIRA DE MELLO

Lucy, Nivea e Nippons.

Cigarros do nosso fabrico—: com especial fumo marca «VEADO» das seguintes marcas: Perolas, Victoria, Commerciaes, Goncha, de fumo Caporal, Cyclistas, Perlitos, Paz e Amor, em fumos Goyanos Barbacona, Rio Novo e Turco.

FUMOS em delicadas caixinhas de 200 grammas: Caporal Goyano, Barbacona, Rio Novo, Higienico e Turco.

FUMOS DESFIADOS À VAREJO:

Caporal fino e entre fino, Goyano, Barbacona, Rio Novo, Higienico, Turco, Virginia, Louro Labeck e Felner.

E muitos outros artigos como sejam: Bolças, bouquilhas, caximbo, papel em livros, de todos os fabricantes, proprio para os fumantes.

Independente desses, encontram-se tambem muitissimos artigos de luxo, para homens, taes como: chapéos, bengalas, meias, collarinhos, punhos, gravatas, camizas, perfumarias, uniformes completos para os socios do TIRO MARNHENSE, e tudo quanto de melhor se desejar possa.

F. Carvalho Comp.,

Telefone n. 232 -- Rua Gr.

MARANHÃO